

MESTRADO INTEGRADO  
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

O trabalho sexual *online* com recurso a  
plataformas de distribuição de conteúdo:  
um estudo exploratório  
Bárbara Baptista Machado

**M**

2021



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**O TRABALHO SEXUAL *ONLINE* COM RECURSO A PLATAFORMAS DE  
DISTRIBUIÇÃO DE CONTEÚDO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Bárbara Baptista Machado**

Outubro 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto, orientada pela Professora Doutora *Alexandra Oliveira*  
(FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

À Professora Doutora Alexandra Oliveira, pelo apoio, dedicação e profissionalismo constantes. Pelo disponibilidade e compreensão, mesmo nos momentos de angústia em que não me sentia capaz. Principalmente, obrigada pelo espaço para me descobrir neste trabalho, com a consciência de que não estaria sozinha.

Às participantes deste estudo, mulheres incríveis que me deram a conhecer o seu mundo. Pela abertura, sinceridade e confiança, por terem partilhado as suas experiências e terem tornado possível esta investigação.

Às amigas de sempre, que me aturam há mais anos do que gosto de contar e tornam a distância física irrelevante. Pelo ombro amigo sempre presente, por acreditarem em mim e me fazerem acreditar, pelos conselhos que pedem e não seguem e por conhecerem todas as minhas falhas e ainda assim gostarem de mim. Pelo riso fácil e por darem sentido a toda esta confusão. *Emuthos*.

Aos amigos que o Porto me trouxe, que foram (e são) a constante desta vida alucinante. Pelas manhãs, tardes e noites de companhia, carinho e compreensão. Pelos abraços, mãozinhas do conforto e tudo o resto, por serem sinónimo de casa longe de casa. Pelos momentos bons e menos bons que partilhamos, que agora são das minhas memórias preferidas. Fazem de mim uma Amélia feliz.

À minha família, o porto de abrigo de todas as horas. Em especial aos meus pais, pelo amor incondicional e por nunca limitarem as minhas escolhas. Por ouvirem as minhas histórias intermináveis e ampararem o choro, por me aturarem quando resmungo e por darem o melhor colo a esta filha melodramática. Esta é para vocês, que acreditaram sempre!

## Resumo

A expansão da Internet e da sua utilização levaram a transformações a todos os níveis e a indústria do sexo não foi exceção com o surgimento do trabalho sexual *online*, que engloba diversas formas de o executar, incluindo o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo. Ainda que este seja um fenómeno crescente, a literatura científica não tem acompanhado essa tendência, deixando este tema por explorar e as vozes dos seus intervenientes por ouvir. Assim, para dar um contributo para colmatar a lacuna na investigação acerca deste tópico, principalmente no contexto nacional, este estudo exploratório pretendeu descrever, explorar e compreender a utilização de plataformas de distribuição de conteúdo para a realização de trabalho sexual *online*. Para tal, foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas a mulheres que recorrem a plataformas de distribuição de conteúdo para a realização de trabalho sexual *online*, com idades compreendidas entre os 19 e os 37 anos. Estas foram analisadas através do recurso à análise de conteúdo temática, da qual surgiram seis temas: caracterização do trabalho sexual *online*; trajetórias no trabalho sexual *online*; riscos e benefícios; consequências da realização do trabalho sexual *online*; clientes. Concluiu-se que o contexto do trabalho sexual *online* se pauta por diversidade em todas as suas dimensões, influenciando as mulheres que o desempenham em diferentes aspetos da sua vida. Também os clientes são descritos como um grupo heterogéneo, motivados principalmente pela procura de autenticidade e intimidade. Além disso, o estigma apresenta-se como algo que exerce uma intensa pressão nas pessoas que desempenham trabalho sexual *online*, afetando-as nos níveis pessoal, das relações interpessoais e, ainda, no que toca ao emprego e ensino, devido, em grande parte, à dualidade promiscuidade-vitimação através da qual são vistas.

O presente estudo parece colmatar a falta de conhecimento e investigação científica sobre este fenómeno emergente, compreendendo o modo de funcionamento desta indústria e as perceções e vivências de quem nela participa, procurando dar voz e empoderar esta população. Esperamos que esta investigação permita, assim, impulsionar novas investigações na área e promover uma redução do estigma face a quem realiza trabalho sexual *online*, diminuindo a sua influência negativa.

**Palavras-chave:** trabalho sexual; trabalho sexual *online*; Internet; plataformas de distribuição de conteúdo.

## Abstract

The expansion of the Internet and its use led to transformations at all levels, and the sex industry was no exception with the emergence of online sex work which encompasses several ways of performing it, including online sex work using content delivery platforms. Although this is a growing phenomenon, the scientific literature has not kept up with this trend, leaving this topic unexplored and the voices of its actors unheard. Thus, to contribute to filling the research gap on this topic, especially in the national context, this exploratory study aimed to describe, explore, and understand the use of content delivery platforms for online sex work.

Therefore, we conducted ten semi-structured interviews with women who use content distribution platforms for online sex work, ages ranging from 19 to 37. These were analyzed using thematic content analysis, from which six themes emerged: characterization of online sex work, trajectories in online sex work, risks and benefits, consequences of performing online sex work, and clients. We concluded that the context of online sex work is characterized by diversity in all its dimensions, influencing the women who perform it in different aspects of their lives. The clients are also described as a heterogeneous group, motivated mainly by the search for authenticity and intimacy. Furthermore, stigma is presented as something that puts intense pressure on people who perform online sex work, affecting them personally, in interpersonal relationships, and regarding employment and education, largely due to the promiscuity-victimization duality through which they are seen.

This study seems to address the lack of knowledge and scientific research on this emerging phenomenon, understanding how this industry operates and the perceptions and experiences of those who participate in it, seeking to give voice and empower this population. We hope that this research will prompt new research in the area and a reduction of stigma towards those who perform online sex work, reducing its negative influence.

**Keywords:** sex work; online sex work; Internet; content delivery platforms.

## Résumé

L'expansion d'Internet et de son utilisation a entraîné des transformations à tous les niveaux et l'industrie du sexe n'est pas une exception, avec l'émergence du travail du sexe en ligne, qui englobe plusieurs façons de le pratiquer, y compris le travail du sexe en ligne à l'aide de plateformes de distribution de contenus. Bien qu'il s'agisse d'un phénomène croissant, la littérature scientifique n'a pas suivi cette tendance, laissant ce thème inexploré et les voix de ses parties prenantes inaudibles. Ainsi, pour combler le vide de la recherche sur ce sujet, principalement dans le contexte national, cette étude exploratoire vise à décrire, explorer et comprendre l'utilisation des plateformes de diffusion de contenus pour effectuer le travail du sexe en ligne. À cette fin, dix interviews semi-directifs ont été faites à des femmes âgées de 19 à 37 ans qui utilisent des plateformes de diffusion de contenus pour pratiquer le travail du sexe en ligne. Celles-ci ont été analysées à l'aide d'une analyse de contenu thématique, à partir de laquelle six thèmes ont émergé: le travail du sexe en ligne; trajectoires dans le travail du sexe en ligne; risques et avantages; conséquences du travail du sexe en ligne; les clients.

On a conclu que le contexte du travail du sexe en ligne est guidé par la diversité dans toutes ses dimensions, influençant les femmes qui l'exercent dans différents aspects de leur vie. Les clients sont également décrits comme un groupe hétérogène, principalement motivé par la recherche d'authenticité et d'intimité. En outre, la stigmatisation se présente comme un aspect important, provoquant une pression intense sur les personnes qui effectuent le travail du sexe en ligne, les affectant au niveau personnel, dans les relations interpersonnelles et, également, en ce qui concerne l'emploi et l'éducation, en grande partie à cause de la promiscuité-victimisation, dualité à travers laquelle elles sont perçues.

Cette étude semble répondre au manque de connaissances et de recherches scientifiques sur ce phénomène émergent, en analysant le fonctionnement de cette industrie et les perceptions et expériences de ceux qui y participent, cherchant à leur donner la parole et à renforcer le pouvoir social de cette partie de la population. Nous souhaitons que cette recherche permettra, donc, de stimuler de nouvelles recherches dans le domaine et de promouvoir une réduction de la stigmatisation envers ceux qui effectuent le travail du sexe en ligne, diminuant ainsi son influence négative.

**Mots-clés:** travail du sexe; travail du sexe en ligne; L'Internet; plateformes de diffusion de contenu.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Enquadramento teórico .....</b>	<b>3</b>
1. Influência da tecnologia e da Internet no trabalho sexual .....	3
2. Trabalho sexual <i>online</i> .....	4
3. Riscos e benefícios .....	7
4. Plataformas de distribuição de conteúdo .....	11
5. COVID-19 e trabalho sexual .....	14
<b>Metodologia .....</b>	<b>17</b>
1. Objeto e Objetivo.....	17
2. Método .....	17
2.1. Participantes .....	18
2.2. Instrumentos .....	19
2.3. Procedimento de recolha de dados .....	20
2.4. Procedimento de análise de dados.....	21
<b>Apresentação e discussão de resultados .....</b>	<b>22</b>
1. Caracterização do trabalho sexual <i>online</i> .....	22
1.1. Atividade realizada e serviços oferecidos .....	22
1.2. Recursos para a realização do trabalho sexual <i>online</i> .....	24
1.3. Influência da pandemia na realização do trabalho sexual <i>online</i> .....	25
1.4. Produção de conteúdo .....	27
2. Trajetórias no trabalho sexual <i>online</i> .....	28
2.1. Motivos de entrada .....	28
2.2. Entrada .....	29
2.3. Interrupções e desistências .....	30
2.4. Motivos de permanência .....	31
3. Riscos e benefícios do trabalho sexual <i>online</i> .....	32
3.1. Riscos .....	32
3.2. Benefícios.....	34
4. Significados e sentidos atribuídos ao trabalho sexual <i>online</i> .....	35
5. Consequências da realização do trabalho sexual <i>online</i> .....	37
5.1. Nível pessoal .....	38
5.2. Relações interpessoais.....	39
5.3. Emprego e ensino .....	41

5.4. Estigma.....	42
5.5. Gestão emocional .....	44
6. Clientes do trabalho sexual <i>online</i> .....	45
6.1. Características .....	45
6.2. Motivações .....	46
6.3. Fetiches.....	48
6.4. Comportamento .....	49
<b>Considerações finais.....</b>	<b>51</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>54</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>60</b>
Anexo A. Guião de entrevista semiestruturada .....	60
Anexo B. Apresentação e consentimento informado verbal.....	62
Anexo C. Temas em análise .....	63

## Introdução

O termo “trabalho sexual” foi cunhado por Carol Leigh, motivada pela vontade de criar uma atmosfera de tolerância para as mulheres que trabalham na indústria do sexo. Assim, este conceito une as mulheres desta indústria e reconhece o seu trabalho, não as definindo pelo seu estatuto (Leigh, 1997).

De um modo geral, o trabalho sexual pode ser definido como serviços ou desempenhos sexuais em troca de uma compensação material (Weitzer, 2000). Este consiste, então, numa atividade envolvendo duas ou mais pessoas, em que uma das partes, a troco de uma retribuição com valor económico, desempenha um comportamento com significado sexual ou erótico para a outra parte (Oliveira, 2003).

Ainda que os termos prostituição e trabalho sexual sejam, frequentemente, utilizados como sinónimos, é evidente que se referem a conceitos diferentes, com o trabalho sexual a representar algo mais amplo e vasto, no qual se insere a prostituição. Falar de trabalho sexual implica, assim, referir uma diversidade de contextos, de práticas e de atores que tanto têm características que os afastam, como outras que os aproximam (Oliveira, 2003), pelo que podemos mencionar diversas formas de trabalho sexual, nomeadamente: prostituição, pornografia, striptease, chamadas eróticas, *webcamming*, acompanhamento de luxo, entre outros.

Se o trabalho sexual *online* continua a ser uma área pouco investigada no que concerne ao panorama geral do trabalho sexual, a verdade é que o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo para esse efeito é algo muito pouco mencionado. No entanto, com a utilização generalizada da Internet, verifica-se uma tendência crescente de pessoas que recorrem a este tipo de plataformas para a realização de trabalho sexual, promovendo essas contas nas suas redes sociais. Este é, então, um fenómeno que se tem tornado mais visível nas redes sociais, como o Twitter e o Instagram, ainda que a literatura científica não tenha acompanhado essa visibilidade crescente.

Assim, este trabalho pretende estudar o trabalho sexual *online*, mais especificamente a utilização de plataformas de distribuição de conteúdo para realização de trabalho sexual, com o intuito de colmatar a falta de investigação nessa área.

Esta dissertação organiza-se, então, em quatro partes. Primeiro, faz-se um enquadramento da problemática, nomeadamente (1) os efeitos da ascensão da tecnologia e da Internet no trabalho sexual, (2) em que consiste o trabalho sexual *online*, (3) quais os

riscos e benefícios desta atividade, (4) o que são plataformas de distribuição de conteúdo e (5) qual a influência da pandemia da COVID-19 no trabalho sexual *online*. Em seguida, passa-se à metodologia, debruçando-nos sobre os objetivos e as opções metodológicas deste trabalho e, ainda, descrevendo a amostra e os procedimentos de recolha e análise de dados. Segue-se a apresentação e discussão dos resultados obtidos, com recurso à literatura relevante e, por fim, são expostas as principais conclusões do presente estudo e as suas limitações e implicações práticas.

## Enquadramento teórico

### 1. Influência da tecnologia e da Internet no trabalho sexual

A ascensão da Internet e das tecnologias digitais relacionadas provocou um impacto profundo em imensos aspetos da vida profissional e social das pessoas, incluindo a compra e venda de serviços sexuais (Cunningham et al., 2018). É, assim, possível concluir que estas mudanças sociais, decorrentes de transformações tecnológicas e estruturais na economia global, transfiguraram a indústria do sexo no século XXI (Sanders, et al., 2018).

Desta forma, com o aparecimento da Internet, verificou-se um aumento do trabalho sexual de interior e, ainda, o surgimento de novas formas de trabalho sexual que decorrem em contextos que anteriormente não existiam, como a venda de serviços eróticos pela Internet através de uma *webcam* (Oliveira, 2016). Considera-se, ainda, que os mercados sexuais baseados na Internet se tornaram quase omnipresentes (Sanders, 2005), facilitados pela comunicação mediada por computador através de correio eletrónico, salas de *chat*, fóruns de redes sociais e publicidade baseada na Internet, entre outros (Campbell et al., 2018).

A conectividade tecnológica proporcionada pelo desenvolvimento da Internet provocou, como já referido, uma transição da indústria do sexo para o mundo virtual. Posto isto, segundo Hughes (1999), a popular revista pornográfica Playboy fez a sua estreia *online* em 1994 e, em meados de 1995, os clubes de *striptease* começaram a colocar publicidade em *websites*. Além disto, alguns *websites* de pornografia comercial e de espetáculos de sexo ao vivo começaram a tornar-se muito lucrativos por volta de 1996 (Hughes, 1999). Ainda neste sentido, Bleakley (2014) refere que a Internet permitiu aos produtores de pornografia que disseminassem imagens e vídeos para uma audiência global com o clique de um botão, o que fez com que, durante o final do século XX e início do século XXI, a indústria pornográfica fosse uma das maiores a operar *online*. A indústria das *camgirls*, por sua vez, teve início a meio da década de 90 do século passado, pouco depois da acessibilidade à Internet se ter generalizado e de a maior capacidade de largura de banda ter permitido aos consumidores participar na transmissão de vídeo em direto (Bleakley, 2014). Concluindo, no final dos anos 90, os painéis de mensagens, os fóruns de

críticas e a publicidade *online* dos trabalhadores do sexo em geral eram uma prática livre (Ray, 2007).

Uma vez que a indústria do sexo é cada vez mais operada através de tecnologias digitais, conclui-se que basta o acesso a um telemóvel, computador pessoal, *tablet* ou outros meios para que se possa realizar trabalho sexual e partilhar informação acerca do mesmo (Dewey et al., 2018). Graças ao avanço tecnológico dos últimos tempos, estes serviços podem ser oferecidos a partir de casa e o acesso ao trabalho é bastante simples, necessitando, apenas, de um aparelho como um computador e de uma ligação à Internet, sem custos de início, sem experiência prévia ou qualificações exigidas (Rand, 2018). Para além disso, a teledildónica – brinquedos sexuais que podem ser operados à distância – tem-se tornado cada vez mais popular e tem sido usada por trabalhadores do sexo *online* para acrescentar realismo e variedade ao trabalho sexual geograficamente remoto (Empel, 2011; Paasonen, 2011), demonstrando, mais uma vez, a influência da tecnologia no trabalho sexual.

Posto isto, a natureza mutável dos mercados do sexo devido ao progresso tecnológico reformulou e alargou a disponibilidade de todos os tipos de serviços sexuais ao longo da última década (Sanders, 2016), levando a uma maior diversificação dos serviços oferecidos.

## **2. Trabalho sexual *online***

O trabalho sexual *online* é definido por Jones (2015), de uma forma geral, como a troca de bens e/ou serviços sexuais mediada pela Internet. Há, ainda, quem o defina como profissionais do sexo independentes, em coletivos, ou que trabalham através de agências, que usam a Internet para comercializar ou vender serviços sexuais quer diretamente, através de serviços presenciais, quer através de serviços indiretos *online* (Sanders et al., 2018). Nesta última, Sanders e colaboradores (2018) fazem uma distinção clara entre trabalho sexual direto e indireto.

Numa sociedade em que o sexo “real” é visto como a penetração pénis-vagina (ou outras formas de penetração corporal) (Green, 2016), esta abordagem falocêntrica levanta algumas questões a nível de categorias, nomeadamente quando alguns trabalhos habitualmente descritos como pertencendo à indústria do sexo não envolvem qualquer tipo de penetração sexual – ou, até, contacto corporal (Henry & Farvid, 2017). Face a esta

questão surgiu, então, a distinção entre trabalho sexual direto, em que se verifica um contacto genital direto, e trabalho sexual indireto, em que não há contacto genital (Jones, 2016). De uma forma mais específica, Harcourt e Donovan (2005) definem o trabalho sexual direto como tipos de sexo comercial em que o contacto físico de natureza sexual é trocado por dinheiro, embora nem sempre seja equivalente a relações sexuais penetrativas. Por sua vez, o trabalho sexual indireto refere-se a toda uma série de outros serviços sexuais que não envolvem, necessariamente, o contacto genital físico, ainda que a troca seja de natureza sexual e se caracterize por dinheiro ou presentes (Harcourt & Donovan, 2005).

Não podemos tratar os trabalhadores do sexo baseados na Internet como um grupo homogéneo, já que muitos fazem diferentes formas de trabalho sexual direto e indireto (Sanders et al., 2018). No entanto, é um facto que os trabalhos académicos acabam por apresentar um retrato demasiado homogeneizado do trabalho sexual digital (Cunningham et al., 2018) – concentrando-se quase exclusivamente na utilização da Internet pelas prostitutas para anunciar os seus serviços, selecionar clientes e facilitar os encontros físicos e diretos (Jones, 2016) –, negligenciando a diversidade que existe entre os tipos de trabalho sexual e, também, entre os próprios trabalhadores do sexo (Cunningham et al., 2018).

Desta forma, a grande diversidade de tipos de trabalho realizados pelos trabalhadores do sexo baseados na Internet reflete-se nos diversos espaços *online* em que o sexo comercial é facilitado (Cunningham et al., 2018). Sanders et al. (2018) definiram, então, doze ambientes online distintos relacionados com o trabalho sexual: diretórios de acompanhantes; plataformas de *webcam*; plataformas de entretenimento adulto multisserviços; plataformas de encontros/*hook-up* com publicidade comercial; plataformas de encontros/*hook-up* sem publicidade comercial; fóruns de avaliação de clientes; *websites* de agências; *websites* de trabalhadores do sexo individuais; *websites* de classificados; plataformas de distribuição de conteúdos; plataformas de redes sociais; fóruns de trabalhadores do sexo.

Para algumas das pessoas que realizam trabalho sexual, o recurso a estas diferentes tipologias de espaços *online* surgiu como um suplemento aos serviços diretos que começaram por oferecer (Sanders et al., 2018). Em contrapartida, também se verifica uma mudança no sentido oposto, na medida em que há trabalhadores do sexo que inicialmente planeavam apenas oferecer trabalho indireto, mas passaram a prestar serviços diretos, por vezes após pedidos de clientes (Sanders et al., 2018). Cunningham e colaboradores (2018) afirmam que, ainda que haja trabalhadores do sexo que entraram na indústria depois do trabalho *online* já estar firmemente estabelecido, há, também, aqueles que, trabalhando há

mais tempo, viveram a mudança para o trabalho *online* e podem, assim, comentar como se deu essa transição. É, então, referido que não existiu um padrão claro em termos de calendário de adoção das práticas de trabalho *online*, sendo que alguns o fizeram quase no início e outros demoraram mais tempo a realizar essa transição (Cunningham et al., 2018).

No que concerne às características de quem realiza trabalho sexual com base na Internet, é de referir que a maioria são mulheres cisgénero (Jones, 2016; Sanders, et al., 2016; Sanders et al., 2018). Como o trabalho sexual em geral é, também, dominado pelas mulheres cisgénero (Ditmore, 2011), a disparidade de género no trabalho sexual *online* representa a dinâmica mais ampla de género evidente na indústria do sexo, onde são sobretudo os homens que compram sexo e as mulheres que o vendem (Henry & Farvid, 2017). As idades, tal como no trabalho sexual em geral, são muito variadas (Ditmore, 2011; Sanders et al., 2016) e os trabalhadores do sexo *online* envolvem-se com as tecnologias digitais de formas bastante diversas, sendo que as decisões sobre a forma como se envolvem com a Internet são influenciadas por um conjunto de fatores: considerações mais práticas como o gasto financeiro e preocupações com a privacidade; fatores estruturais, como o estatuto migratório e os antecedentes educativos (Campbell et al., 2018). Para além disso, existe uma grande fluidez entre setores do mercado de trabalho dos trabalhadores do sexo *online*, sendo que há quem realize o trabalho sexual em paralelo com outro emprego ou em paralelo com os estudos (Ray, 2007). Assim, o trabalho sexual *online* nem sempre é o principal modo de trabalho, sendo, muitas vezes, realizado a tempo parcial ou esporadicamente (Sanders et al., 2016). Isto é facilitado pelas características da tecnologia digital como a flexibilidade, que permite que as pessoas possam encaixar o trabalho sexual em torno de outros compromissos e alterar os seus padrões de trabalho de acordo com a quantidade de negócios que recebem de diferentes empregos ou outras prioridades (Sanders et al., 2018).

Dadas as condições melhoradas do trabalho sexual *online* e o facto de permitir que apenas exista contacto virtual com aqueles que compram o serviço, esta indústria apela, agora, a muitas pessoas que antes talvez não estivessem dispostas a realizar trabalho sexual e desenvolve oportunidades que antes não seriam possíveis (Jones, 2015; Ray, 2007; Sanders, 2016), permitindo começar a trabalhar nesta indústria com relativa facilidade (Bleakley, 2014). Há, ainda, muitos trabalhadores do sexo baseados na Internet que consideram que sem a Internet não continuariam a realizar trabalho sexual, porque não teriam forma de oferecer os seus serviços – no caso dos que conduzem todo o seu trabalho

num ambiente *online* –, ou porque não teriam forma de alcançar os clientes, devido ao declínio verificado nas outras formas de publicidade (Cunningham et al., 2018).

### 3. Riscos e benefícios

A mudança para o trabalho sexual com base na Internet fez com que os trabalhadores do sexo *online* identificassem riscos e benefícios específicos desta atividade, diferentes dos mencionados pelos seus pares que trabalham na rua ou em espaços interiores (Dewey et al., 2018).

Um dos riscos do trabalho sexual *online* prende-se com o aumento do número de horas passadas a gerir os seus negócios online (Campbell et al., 2018; Rand, 2018; Sanders et al., 2018), nomeadamente tratando de questões de *marketing*, gestão de contactos e tarefas tecnológicas (Pitcher, 2015; Rand, 2018). Uma vez que quem realiza trabalho sexual *online* paga uma taxa por cada transação (normalmente por volta dos 30%), não existindo um contrato entre estes e a plataforma digital que facilita a troca, os rendimentos não são garantidos, já que a capacidade de vender os seus serviços depende das exigências do mercado por parte dos clientes (Rand, 2018). Deste modo, os ganhos imprevisíveis também têm sido referidos na literatura como uma desvantagem deste tipo de trabalho sexual (Campbell et al., 2018).

Apesar da Internet iludir tanto trabalhadores do sexo como clientes acerca do seu anonimato, na verdade isso não se verifica, sendo possível que qualquer pessoa que coloque fotografias *online* seja reconhecida em público, para além de que o endereço IP (*Internet Protocol*) a partir do qual se publica algo também pode ser visualizado por outros (Ray, 2007). Assim, manter e controlar a privacidade *online* pode acabar por ser um problema (Campbell et al., 2018), principalmente uma vez que o conteúdo publicado tem um alcance mundial instantâneo (Rand, 2018). As preocupações no âmbito da privacidade concentram-se, ainda, no risco de *capping* e *doxxing* (Campbell et al., 2018). Segundo Jones (2015), *capping* consiste na filmagem indesejada e partilha das atuações eróticas. Há a possibilidade de que os clientes usem estas gravações para uso pessoal, mas estas gravações indesejadas podem, também, ser colocadas em *websites* pornográficos e ser vendidas sem o consentimento do artista, ou sem a possibilidade de negociar compensações para posterior distribuição da gravação (Jones, 2015). No entanto, é interessante verificar que nem todos os trabalhadores encaram o *capping* como um perigo,

havendo quem o veja como publicidade grátis, que pode aumentar a afluência aos seus serviços (Jones, 2016). Por outro lado, *doxing* passa pela utilização de pesquisas e/ou *hacking*, por parte dos clientes, para adquirir informação sobre os trabalhadores, sendo que depois partilham essa informação com outros clientes e/ou utilizam-na para perseguir ou assediar os trabalhadores (Jones, 2015). Assim, é necessário ter cuidado com as redes sociais, para que não possam ser usadas para encontrar a identidade real dos trabalhadores do sexo (Jones, 2016).

Ainda que os ambientes *online* possam ser mais seguros do que o trabalho sexual na rua, os trabalhadores do sexo *online* ainda têm que se debater com a violência e o assédio, na medida em que estes ambientes não os protegem, por exemplo, do assédio verbal ou psicológico (Cunningham, 2018; Henry & Farvid, 2017; Jones, 2015). Estas experiências de assédio são descritas pelos trabalhadores do sexo *online* como regulares, mas estes parecem encará-las como algo que não constitui assédio real ou um perigo real, já que não existe ameaça de dano físico (Jones, 2016).

Uma vez que, para alguns, o trabalho sexual *online* é um segredo, a natureza visível e de exposição da Internet significa que a revelação constitui um risco significativo (Rand, 2018). Além disso, o estigma e o seu impacto em quem vende serviços sexuais é algo que continua a ter repercussões no trabalho sexual *online* (Campbell et al., 2018; Sanders et al., 2016).

É, ainda, possível que problemas relacionados com a saúde mental possam ocorrer (ou ser exacerbados) devido ao trabalho sexual *online*, quer por trabalhar longas horas sozinho, quer por estar numa profissão baseada, em grande parte, na sexualização e objetificação (Sanders, 2005). O trabalho sexual, como outros tipos de trabalho, consiste num trabalho emocional que é difícil, esgotante e pode conduzir a uma variedade de problemas de saúde física e mental (Henry & Farvid, 2017).

Para concluir, ainda que os trabalhadores do sexo *online* tenham um conjunto de estratégias para se protegerem, os riscos do mundo digital são complexos e estão em constante mudança (Sanders et al., 2016), o que dificulta bastante esta tarefa.

Por outro lado, no que concerne aos benefícios do trabalho sexual *online*, é frequentemente referido que este permite aos trabalhadores obter melhores rendimentos (Bleakley, 2014; Sanders, 2016; Sanders et al., 2016; Veena, 2007), direcionando a publicidade para uma clientela mais especializada (Bernstein, 2007). Esta questão dos ganhos está, também, muito relacionada com o facto de terem uma maior autonomia, isto é, de não dependerem de uma terceira parte (Cunningham et al., 2018; Sanders et al., 2018;

Veena, 2007), permitindo que tenham mais controlo sobre as decisões de quando, onde e como querem vender sexo (Sanders et al., 2016).

A Internet permite que os trabalhadores do sexo *online* usufruam de melhores e mais seguras condições de trabalho (Sanders, 2016). A incapacidade de tocar fisicamente, levando à ausência de muitos dos riscos associados aos encontros físicos, é uma das características que torna o trabalho sexual *online* tão apelativo (Sanders, 2016). Há, assim, uma diminuição do risco de danos corporais e violência física (Sanders et al., 2018). Mais se acrescenta que, como Kilvington e colaboradores (2001) afirmam, a Internet permite o trabalho na indústria do sexo, sem os custos associados à visibilidade física nas ruas. Assim, a privacidade é um benefício fundamental da utilização da Internet, sobretudo como forma de evitar o estigma associado a este tipo de trabalho (Sanders et al., 2018; Veena, 2007). O trabalho sexual *online* reduz, ainda, as interações negativas com o sistema de justiça criminal (Bernstein, 2007; Cunningham & Kendall, 2011).

Apesar de se achar que a mutualidade, a nível de prazer sexual, é um mito no trabalho sexual e que os trabalhadores apenas fingem, esta noção desmorona-se em alguns tipos de trabalho sexual *online*, já que a segurança de um ambiente *online* cria um espaço em que o prazer sexual é, geralmente, mútuo para trabalhador e cliente (Sanders, 2016). É, desta forma, pertinente considerar o prazer sexual como um benefício do trabalho sexual *online*. Os “*touching encounters*”, isto é, encontros tocantes, são, também, enfatizados pelos trabalhadores do sexo baseados na Internet, que destacam estas experiências como um benefício do seu trabalho, assim como o desenvolvimento de relações íntimas com os clientes (Sanders, 2016).

Por fim, é importante referir que, segundo Ray (2007), a Internet permite que vários estilos de marketing sejam experimentados de forma fácil e barata e que sejam alterados imediatamente se falharem, o que é uma mais-valia para os trabalhadores do sexo *online*. Além disso, facilita a procura de emprego na indústria do sexo como trabalhador independente, permitindo explorar opções e, até, experimentá-las, sem necessitarem de alguma ligação à indústria ou de entrarem em contacto com alguém, tornando o processo muito mais acessível (Ray, 2007).

Como foi previamente mencionado, a interação humana, ainda que sem contacto físico, pode criar encontros tocantes que são prazerosos, não pelo clímax sexual que produzem, mas pela intimidade emocional que proporcionam entre as pessoas (Bernstein, 2007).

A interatividade patente no trabalho sexual *online* é, então, algo que o torna apelativo, já que consiste numa experiência mais individualizada (Paasonen, 2010). Neste sentido, as formas indiretas de trabalho sexual *online* caracterizam-se por uma intimidade, ainda que acompanhada de uma barreira totalmente mediada – o computador (Henry & Farvid, 2017). Este comércio capitaliza o desejo de autenticidade e intimidade por parte dos clientes, redefinindo os termos tradicionais associados à indústria do sexo (Van Doorn & Velthuis, 2018). Cria-se, então, uma ligação entre o cliente e o trabalhador do sexo que, ainda que seja vista como positiva, pode levar à criação de relações de risco entre os intervenientes (Bleakley, 2014), podendo, ainda, levar a problemas de privacidade, como já foi referido.

Segundo Jones (2016), afirmar que o ciberespaço não pertence ao mundo real sugere que estas trocas sexuais *online* são menos significativas por falta de contacto físico. No entanto, não só a qualidade das interações não é diminuída, como o contexto *online*, ao permitir uma interação com uma barreira totalmente mediada, é a própria razão pela qual são tão agradáveis (Jones, 2016). Os encontros entre clientes e trabalhadores são tanto físicos como afetuosos (Bernstein, 2007) – originando os encontros tocantes – e, devido à perceção de segurança no espaço digitalmente mediado, uma amizade pode surgir, o que leva a uma experiência afetiva agradável, muito semelhante às relações não-comerciais (Sanders, 2008). Tanto os trabalhadores como os clientes se envolvem nestes encontros tocantes, o que pode fomentar o perigo potencial e, desta forma, os trabalhadores devem ser especialmente cuidadosos com o que dizem *online*, de modo a manterem a sua privacidade (Jones, 2016).

Podemos concluir, então, que honestidade e autenticidade são de elevado valor no trabalho sexual *online* (Dobson, 2007). Este trabalho envolve, também, autenticidade limitada (Bernstein, 2007), isto é, proporcionar uma experiência erótica autêntica que, embora limitada por uma troca económica, oferece aos clientes uma experiência emocionalmente íntima (Jones, 2016). A autenticidade e a intimidade são limitadas, na medida em que, por exemplo, os trabalhadores do sexo criam uma identidade manufacturada específica para o seu trabalho, sustentada por um pseudónimo, uma história de vida fictícia ou um passado familiar (Sanders, 2005).

Sanders (2005) afirma, então, que a identidade manufacturada é um exemplo das estratégias de gestão das emoções criadas pelos trabalhadores do sexo, que surgem devido à necessidade de segurança psicológica e de separação da vida profissional da vida pessoal, mas sem descurar a questão de produzir nos clientes a resposta desejada. Assim, há várias

razões para que os trabalhadores do sexo fabriquem uma nova identidade para o trabalho, como por exemplo não quererem revelar informação pessoal, com medo de que um cliente os persiga ou descubra os seus dados pessoais ou, ainda, por quererem evitar a ligação com o estigma associado a este trabalho, a condenação moral e os estereótipos negativos (Sanders, 2005) – sendo que, muitas vezes, trabalham nesta indústria em segredo, sem que as pessoas do seu círculo mais próximo saibam. Posto isto, além de ser uma forma de separação psicológica é, ainda, uma estratégia empresarial cuidadosamente concebida (Sanders, 2005), adaptando a sua nova forma de vestir, de falar, etc. às expectativas e gostos dos clientes (Jones, 2016).

Podemos, ainda, referir outra estratégia de gestão das emoções criada pelos trabalhadores do sexo, as chamadas zonas de exclusão corporal (Jones, 2016). Estas referem-se a partes do corpo e atos sexuais específicos considerados demasiado íntimos, demorados ou dolorosos para serem vendidos (Sanders, 2005). Assim, no trabalho sexual *online*, correspondem a atos que os trabalhadores não realizam e, ainda que haja uma grande variação nas coisas que os trabalhadores fazem ou não, um exemplo de gestão emocional pode ser a recusa de realizar um programa de penetração anal (Jones, 2016).

Da mesma forma que as zonas de exclusão corporal são uma estratégia de gestão das emoções que serve de barreira psicológica para muitos trabalhadores do sexo, também a interação mediada por computador entre quem realiza trabalho sexual *online* e cliente cria uma barreira psicológica, dando azo a um maior prazer para o trabalhador (Jones, 2016). Assim sendo, e como já foi referido, os trabalhadores do sexo *online* experienciam prazer sexual e afetivo no decurso do seu trabalho, uma vez que a troca sexual mediada pelo computador funciona como uma barreira psicológica e torna-se a principal ferramenta que os trabalhadores usam como parte da sua gestão emocional (Jones, 2016).

#### **4. Plataformas de distribuição de conteúdo**

A verdade é que o trabalho sexual *online* ainda é uma área pouco investigada, em comparação, por exemplo, com a prostituição de rua ou de interior (Campbell et al., 2018). Até há pouco tempo, quem se interessasse pelo impacto da Internet no trabalho sexual tinha de confiar em fontes altamente especulativas e pouco credíveis, os meios de comunicação de massas (Jones, 2015). Porém, ainda que, atualmente, se verifique um aumento da investigação sobre o papel das tecnologias digitais no trabalho sexual, a

literatura existente acaba por se centrar quase exclusivamente na forma como as prostitutas e os seus clientes utilizam a Internet (Jones, 2015), negligenciando a diversidade que existe entre os tipos de trabalho sexual, como por exemplo as plataformas de distribuição de conteúdo.

As plataformas de distribuição de conteúdo são plataformas específicas que hospedam e vendem conteúdos para adultos *online* gerados pelo utilizador (Cunningham et al., 2018). O trabalhador do sexo cria o seu próprio conteúdo e a plataforma simplesmente o hospeda, fornecendo a tecnologia e os serviços financeiros necessários para que os clientes o consigam comprar (Sanders et al., 2018). Neste sentido, muitos trabalhadores do sexo *online* vendem fotografias ou vídeos privados de si próprios nestas plataformas de distribuição de conteúdo (Cunningham et al., 2018).

A plataforma fica com uma percentagem de cada venda, mas o trabalhador do sexo controla completamente a publicação ou eliminação de conteúdo no seu perfil, para além de que, ainda que a plataforma imponha uma estrutura de preços mínima, os indivíduos são livres de fixar os seus próprios preços (Sanders et al., 2018). Como exemplos de plataformas de distribuição de conteúdo podemos referir plataformas como JustFor.Fans, OnlyFans e Patreon.

A plataforma OnlyFans, lançada em 2016, é, então, uma plataforma digital baseada em subscrições que permite às pessoas aderirem como criadores ou subscritores de conteúdos, tendo revolucionado o trabalho sexual *online*, criando acesso e pagamento fácil para aqueles que querem transmitir conteúdos sexuais (Ryan, 2019). A plataforma refere que os conteúdos sexualmente explícitos são permitidos, mas declara que os utilizadores não podem publicar conteúdos que promovam serviços de acompanhantes (OnlyFans, 2021).

Esta é comercializada como oferecendo conteúdos personalizados que conferem uma maior autenticidade aos utilizadores, já que os subscritores são trazidos diretamente para as casas dos criadores de conteúdo – mais especificamente, para os seus quartos e casas de banho (Ryan, 2019). Tendo em conta que, como já foi abordado, a autenticidade e a honestidade são características muito valorizadas no trabalho sexual *online* (Dobson, 2007), é fácil compreender porque é que esta plataforma apela a tantas pessoas, capitalizando o desejo de autenticidade e intimidade dos visualizadores de conteúdo para adultos (Van Doorn & Velthuis, 2018) e oferecendo uma experiência interativa e elaborada de acordo com as necessidades individuais (Ryan, 2019).

A plataforma OnlyFans representa uma redistribuição do poder na indústria do sexo, na medida em que os criadores de conteúdo decidem o preço das suas subscrições mensais e a taxa cobrada pela plataforma para cobrir os custos administrativos é de apenas 20% (Ryan, 2019), sendo que, na maior parte das vezes, a taxa cobrada ronda os 30% (Rand, 2018). Além disso, Ryan (2019) refere que, ainda que os rendimentos sejam incertos e possam variar bastante, existe um grande potencial de ganhos com a publicação de conteúdos aqui, o que é uma potencialidade, principalmente para quem apresenta um grande número de seguidores nas redes sociais. A plataforma encontra-se ligada ao Twitter e permite publicar atualizações, como novos seguidores e novas publicações, no perfil do criador de conteúdos (Ryan, 2019). Assim, a ligação com esta rede social permite aumentar a interatividade com os subscritores, algo que é considerado importante no trabalho sexual *online* (Paasonen, 2010). O sucesso desta plataforma levou algumas pessoas que realizam trabalho sexual a reavaliar a sua utilização das redes sociais, nomeadamente o Twitter, as quais referiam que apenas tinham uso pessoal (Ryan, 2019). Segundo Cunningham et al. (2018), apenas 30% das pessoas que realizam trabalho sexual *online* tinham conta no Twitter, principalmente as mais jovens e aquelas envolvidas na prestação de serviços indiretos. Posto isto, algumas destas pessoas foram dissuadidas de usar o OnlyFans porque não tinham conta no Twitter e sentiram que não possuíam a massa de seguidores necessária para que a gestão de um perfil valesse a pena (Ryan, 2019).

A nível da gestão do perfil, é relevante mencionar a existência de diferentes formas de publicitar a conta na plataforma – sendo a mais comum a sua publicitação nas redes sociais do trabalhador, como o Twitter, já referido, e o Instagram – e, ainda, as formas como a mantém interessante para os subscritores. Há, por exemplo, quem use a função de realização de sondagens no Instagram, de modo a oferecer uma forma direta dos seguidores influenciarem as futuras publicações da conta na plataforma OnlyFans (Ryan, 2019). Outra estratégia eficaz no cultivo de subscritores consiste na exploração de um nicho de marca própria, que tem potencial para atrair um núcleo fiel de subscritores (Berg & Penley, 2016). Segundo Ryan (2019), um exemplo concreto disto é que o talento de um dos seus entrevistados no piano acabou por atrair muitos subscritores, cativados por esta abordagem diferente.

À medida que o tempo passa, a plataforma OnlyFans continua a desenvolver-se tecnologicamente, pelo que agora oferece aos criadores de conteúdo opções de transmissão em direto a um ritmo mais competitivo, acabando por desafiar os *websites* mais tradicionais de *webcamming*, ao introduzir uma dimensão em tempo real na plataforma

(Ryan, 2019). Outra funcionalidade apresentada pela plataforma que aumenta a diversidade de conteúdos e, assim, o interesse dos subscritores, chama-se “*Strip for Tip*”, em que, durante um vídeo em direto, quanto mais dinheiro os subscritores enviarem ao criador de conteúdo, mais roupa ele despe (Bindel, 2020). Além disso, é relevante referir a *girlfriend experience*, um termo utilizado para se referir a encontros que reproduzem aspetos das relações não remuneradas e que também contêm atos sexuais convencionais (Sanders, 2008), estando, então, relacionada com a autenticidade limitada (Bernstein, 2007) já mencionada. Neste sentido, o OnlyFans oferece aos subscritores a oportunidade de pagar aos criadores de conteúdo por um dia, ou o tempo que pretenderem, para se comportarem como se fosse um encontro real e, através de mensagens de texto e mensagens de voz, enviar instruções sobre o que pretendem do criador de conteúdo, fingindo que namoram (Bindel, 2020).

Posto isto, todos os criadores de conteúdo navegam na plataforma *OnlyFans* de diferentes formas, difundido material que consideram ser consistente com a imagem digital que passaram muito tempo a criar de forma cuidadosa, sendo que aqui é permitido que publiquem conteúdo sexualmente explícito, numa altura em que as diretrizes comunitárias de alguns *websites*, como o Instagram e, até, o Patreon, se tornaram mais restritivas (Ryan, 2019). No entanto, apesar dos benefícios claros apontados pelos utilizadores desta plataforma, continua a existir uma preocupação elevada com os riscos associados ao trabalho sexual *online* previamente referidos (Ryan, 2019), pelo que os trabalhadores do sexo continuam a ser cuidadosos.

## **5. COVID-19 e trabalho sexual**

Se a pandemia provocada pela COVID-19 se traduziu em mudanças estruturais a todos os níveis, a verdade é que o trabalho sexual não é exceção. De facto, o contexto pandémico veio expor as lacunas dos sistemas de apoio social em todo o mundo, revelando as desigualdades que marginalizam ainda mais as populações já fragilizadas (Lam, 2020). Migrantes e trabalhadores precários – nos quais são incluídas as pessoas que realizam trabalho sexual – são afetados de forma mais intensa pela pandemia, ao mesmo tempo que são excluídos dos programas governamentais de proteção e dos serviços de saúde (Lam, 2020), pelo que urge um maior apoio e proteção dos seus direitos (Platt et al., 2020).

Globalmente, medidas de confinamento e de distanciamento social postas em prática para evitar o agravamento da pandemia levaram a uma cessação da maior parte do trabalho sexual direto (Platt et al., 2020), cuja natureza fisicamente íntima torna esse distanciamento quase impossível (Callander et al., 2020a). Posto isto, pessoas que realizam trabalho sexual enfrentam riscos de transmissão da doença, necessidades de saúde mental e desafios socioeconómicos relativos à COVID-19 que são únicos e que têm sido largamente ignorados pelas organizações de saúde e pelos governos (Howard, 2020).

Assim como em todos os aspetos relacionados com a saúde, a capacidade das pessoas que realizam trabalho sexual se protegerem contra a COVID-19 depende dos seus comportamentos individuais e interpessoais, do seu ambiente de trabalho, da disponibilidade de apoio por parte da comunidade, do acesso a serviços sociais e de saúde e, ainda, de aspetos mais amplos do foro jurídico e económico (Platt et al., 2018). Desta forma, compreende-se que algumas destas pessoas não reúnam condições que as permitam cessar os seus serviços presenciais (Platt et al., 2020), aumentando a sua exposição e vulnerabilidade ao vírus. Ademais, um desafio que se coloca às pessoas que realizam trabalho sexual e necessitam de exercer o distanciamento social ou o autoisolamento prende-se com o facto de estarem excluídas de estímulos financeiros e outros tipos de apoio propostos para indivíduos ou empresas, para além de carecerem de proteção laboral (Callander et al., 2020b; Lam, 2020; Platt et al., 2020).

Ora, o impacto das medidas de confinamento e distanciamento social na realização do trabalho sexual – diminuindo as oportunidades para o realizar e quase as eliminando por completo – levou a um aumento da popularidade de serviços de trabalho sexual *online*, como o *webcamming* ou o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo (Callander et al., 2020a). Estes afiguraram-se como aparente solução para os impactos da pandemia na realização do trabalho sexual, para quem tivesse o privilégio de conseguir trabalhar a partir de casa (Farley, 2020) – com todas as questões logísticas que tal implica, nomeadamente, necessidade de conexão à Internet e de aparelhos como computadores, *tablets* ou *smartphones*. Verificou-se, então, grande uma necessidade de adaptabilidade por parte de quem optou pela transição da realização de trabalho sexual direto para trabalho sexual *online*, como descrito por uma trabalhadora do sexo entrevistada por Baj (2020), que passou a vender conversas por *webcam* cobradas ao minuto, bem como artigos como fotografias Polaroid e cuecas e brinquedos sexuais usados.

Efetivamente, com a diminuição da oferta de serviços de trabalho sexual direto, verificou-se um aumento na oferta do trabalho sexual *online* (Callander et al., 2020b),

tanto por parte de pessoas que nunca tinham realizado trabalho sexual, como de pessoas que realizavam trabalho sexual direto e se viram obrigadas a recorrer ao trabalho sexual *online* como forma de tentar manter os seus rendimentos (Shehadi & Partington, 2020). Segundo Callander e colaboradores (2020a), o número de perfis *online* ativos, mantidos por trabalhadores do sexo, aumentou cerca de 9.4% entre maio e agosto de 2020, tendência verificada de forma ainda mais intensa pelo Chaturbate – um *website* de transmissão ao vivo –, que reportou um aumento de cerca de 75% no número de inscrições por parte de pessoas que realizam trabalho sexual, desde o início da pandemia (Shehadi & Partington, 2020).

Os efeitos da COVID-19 não foram, ainda assim, sentidos apenas na oferta do trabalho sexual, tendo sido reportado um aumento do número de clientes que procuram trabalho sexual *online*, que pretendem não só o erotismo a isto associado, como também a companhia e a intimidade (Agence France-Presse, 2020), de que careciam numa fase de incerteza, solidão e ansiedade. Contudo, o aumento da procura do trabalho sexual *online* não se refletiu de forma automática e generalizada num aumento das receitas de quem trabalha nesta indústria, já que muitos dos novos clientes evitam gastar dinheiro neste tipo de serviços numa altura em que a incerteza tem impacto a todos os níveis, o financeiro não sendo exceção (Agence France-Presse, 2020).

No entanto, embora os meios de comunicação pareçam ansiosos por escrever acerca do trabalho sexual no âmbito da COVID-19, e apesar do surgimento de algumas investigações científicas neste sentido, são necessários mais dados para uma melhor compreensão dos efeitos reais da pandemia na indústria do sexo (Callander et al., 2020b).

## Metodologia

### 1. Objeto e Objetivo

O objeto de estudo da nossa investigação é o trabalho sexual *online*. A partir da revisão de literatura efetuada concluímos que, ainda que este seja um fenómeno crescente, existe uma grande lacuna no que concerne à investigação científica acerca deste fenómeno, muito particularmente em Portugal. Assim, temos como objeto de estudo a realidade das pessoas portuguesas que realizam trabalho sexual *online*, nomeadamente o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo para a sua realização.

A escassez de investigação acerca deste tema faz com que este seja um estudo exploratório, cujo objetivo passa por descrever, explorar e compreender a utilização de plataformas de distribuição de conteúdo para a realização do trabalho sexual *online*. Posto isto, os objetivos específicos definidos foram os seguintes:

1. Conhecer as características sociodemográficas e as motivações de quem realiza trabalho sexual *online*;
2. Perceber como se dá a entrada e permanência no contexto *online* da indústria do sexo;
3. Conhecer os riscos e benefícios da realização do trabalho sexual *online*;
4. Compreender quais as perceções e os significados atribuídos ao trabalho sexual *online*;
5. Perceber as perceções destas trabalhadoras do sexo face aos clientes e às suas motivações;
6. Compreender o impacto da COVID-19 nesta atividade.

### 2. Método

A metodologia qualitativa é a forma mais apropriada para a exploração de temas relacionados com o mundo social e as experiências humanas (Huberman & Miles, 1994), pois foca-se nas perceções e experiências dos participantes e na forma como estes dão sentido às suas vidas, além de ser a mais apropriada para investigações exploratórias ou descritivas (Creswell, 2002; Marshall & Rossman, 1989). Deste modo, tendo em conta os

objetivos deste estudo, considerou-se que a metodologia qualitativa seria a mais adequada, já que, nesta, os investigadores privilegiam a aprendizagem do significado que os participantes atribuem a certo problema ou questão, e não o significado que os investigadores trazem para a investigação (Creswell, 2007).

Assim, as investigações qualitativas são conduzidas (1) quando se pretende explorar um problema ou questão, (2) quando se deseja uma compreensão complexa e detalhada de uma determinada questão, (3) ou quando queremos compreender os contextos ou cenários em que os participantes de um estudo abordam um problema ou questão (Creswell, 2007). Além disto, Esteves e Azevedo (1998) defendem que as técnicas qualitativas se adequam particularmente ao estudo de populações escondidas, apontando o fenómeno do trabalho sexual como uma população oculta, aliado ao facto da problemática em estudo – o trabalho sexual *online* –, ser uma problemática emergente. Neste sentido, uma vez que se pretende abordar o tema do trabalho sexual, e tendo em conta tudo o que já foi referido, considera-se que a metodologia qualitativa, com todas as suas características, se ajusta de forma adequada aos objetivos deste estudo.

## **2.1. Participantes**

Por forma a dar resposta aos objetivos desta investigação, pretendeu-se que dela fizessem parte mulheres, com pelo menos 18 anos, que tivessem nacionalidade portuguesa ou residência em Portugal e que realizassem, à data do estudo, trabalho sexual *online* com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo. Assim, o contacto com as participantes realizou-se através das redes sociais, tendo-se realizado o convite de participação no estudo a um total de quarenta e seis trabalhadoras do sexo *online*.

Do total de trabalhadoras do sexo *online* contactadas, duas rejeitaram participar, onze demonstraram interesse inicial em integrar no estudo e, posteriormente, pararam a comunicação com a investigadora e vinte e três não responderam. O estudo contou, então, com a participação de dez mulheres cisgénero, com idades compreendidas entre os 19 e os 37 anos e apresentando quase todas nacionalidade portuguesa, sendo que apenas uma refere a nacionalidade brasileira. No que concerne à orientação sexual, seis participantes identificam-se como bissexuais, três como heterossexuais e uma afirmou não saber. Ainda relativamente à orientação sexual, duas participantes referiram também identificar-se como demissexuais. No que concerne ao estado civil, duas são casadas, três são solteiras e cinco estão num relacionamento íntimo. Por outro lado, ao nível do grau de escolaridade, apenas uma participante apresenta o grau de Mestre, sendo que as restantes concluíram o Ensino

Secundário. Para concluir, o tempo de realização de trabalho sexual *online* varia entre um e dez anos, situando-se a média nos quatro anos.

Apesar de, geralmente, o tamanho final de uma amostra em estudo ser estabelecido pela saturação teórica (Fontanella et al., 2008) – fim da inclusão de novos participantes quando os dados por eles fornecidos podem ser considerados redundantes ou repetitivos face aos dados previamente recolhidos (Denzin & Lincoln, 1994) –, a dificuldade em aceder a novas participantes e o limite temporal estabelecido para a conclusão do presente estudo levaram a que o tamanho da amostra ficasse condicionado pelos constrangimentos temporais.

## **2.2. Instrumentos**

Para a recolha de dados desta investigação recorreremos à entrevista semiestruturada. O método de entrevista distingue-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana, permitindo o contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores (Quivy & Campenhoudt, 1998). Ainda mais, a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano (Gil, 2008), para além de permitir indagar abertamente sobre significados situacionais ou, ainda, motivos de ação (Hermanns, 2004). Desta forma, a entrevista semiestruturada pareceu-nos a estratégia mais adequada ao presente estudo. Isto deve-se ao facto de ser flexível e permitir ao entrevistado que divague nas suas respostas, permitindo simultaneamente que o investigador faça outras perguntas consoante o que vai sendo dito pelo entrevistado, de modo a esclarecer pontos referidos que considere importantes (Bauer & Gaskell, 2011), mas tendo sempre em consideração o guião de entrevista, que se encontra de acordo com os objetivos da investigação. Assim, a entrevista semiestruturada, para além de valorizar a presença do investigador, oferece também todas as perspetivas possíveis para que o entrevistado alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (Triviños, 1987).

De modo a conduzir as entrevistas, foi criado um guião especificamente para esta investigação, contendo questões consideradas pertinentes com base na revisão da literatura efetuada para esta investigação. Para a validação do guião foi pedido, no final da primeira entrevista realizada, que a participante se posicionasse relativamente às questões colocadas e à sua pertinência e clareza, ou a possíveis alterações que considerasse relevantes. Não havendo nenhum apontamento da parte da participante em questão, avançou-se com o guião, cujas questões se agrupam, assim, em torno de cinco temas mais gerais,

nomeadamente: entrada e permanência no trabalho sexual *online*, riscos e benefícios desta atividade, percepções e significados atribuídos ao trabalho sexual *online*, percepções face aos clientes e suas motivações e, ainda, impacto da COVID-19 no trabalho sexual *online* (Anexo A).

### **2.3. Procedimento de recolha de dados**

Uma vez que estamos a lidar com uma população oculta, o acesso à mesma verificou-se um obstáculo. Recorreu-se, então, à função de pesquisa do Twitter, através de palavras-chave, para encontrar algumas contas de mulheres portuguesas ou residentes em Portugal que publicitassem a realização de trabalho sexual *online* através de plataformas de distribuição de conteúdo. A partir daí, percorreu-se a lista de contas seguidas por cada uma das previamente encontradas, numa tentativa de encontrar mais pessoas que cumprissem os critérios estipulados. Ademais, foi possível encontrar outras possíveis participantes no Instagram, recorrendo ao mesmo método de conferir as contas seguidas por cada pessoa. Importa referir que, paralelamente, e de forma mais eficaz, algumas participantes providenciaram uma lista de pessoas que consideravam que deveriam ser convidadas a participar, para além de uma participante ter encorajado algumas das suas colegas a participar no presente estudo, fornecendo-lhes as informações de contacto necessário para tal.

Assim, conclui-se que este estudo foi realizado utilizando técnicas de amostragem por conveniência e bola de neve (Patton, 1990), em que se pediu às participantes que indicassem trabalhadoras do sexo *online* cuja participação seria vantajosa para a investigação em questão.

Devido à situação pandémica enfrentada à altura da recolha dos dados – que se deu entre março e maio de 2021 –, as entrevistas foram realizadas através de chamadas de vídeo, por forma a tentar replicar ao máximo possível as condições ditas normais de entrevista. Começou por proceder-se a uma apresentação (Anexo B), em que se explicava à participante quem era a entrevistadora, qual o contexto e a pertinência da investigação a ser desenvolvida e, ainda, questões relacionadas com a participação voluntária e a garantia de anonimato. Foi pedido, então, um consentimento verbal para prosseguir com a entrevista e para a sua gravação, sendo que foi afirmativo por parte de todas as participantes. Ainda assim, duas das mulheres entrevistadas optaram por manter a câmara desligada durante a entrevista, devido a preocupações relacionadas com o anonimato.

As dez entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos, variando num intervalo entre 17 e 60 minutos. Os únicos imprevistos sentidos no decorrer das mesmas estiveram relacionados com a instabilidade da conexão à Internet por vezes verificada, que acabou por levar a alguns momentos de corte no vídeo e áudio, dificultando a compreensão de ambas as partes, mas que se verificaram de resolução simples.

#### **2.4. Procedimento de análise de dados**

Para a análise dos dados obtidos optou-se pela análise temática, um método que prima pela flexibilidade (Braun & Clarke, 2006, 2013) e permite identificar, analisar e relatar padrões encontrados nas respostas fornecidas pelas participantes, organizando e descrevendo de forma detalhada um conjunto rico de dados (Braun & Clarke, 2006).

Tendo em conta a revisão da literatura que antecedeu a definição dos objetivos do presente estudo, considera-se que a análise seguiu uma lógica maioritariamente dedutiva, dirigida pelo interesse teórico das investigadoras (Braun & Clarke, 2013). No entanto, o surgimento de questões pertinentes no decorrer da análise foi tido em conta, levando, também, à presença de uma lógica mais indutiva, culminando numa abordagem mista.

Posto isto, a análise dos dados realizou-se de acordo com as fases sugeridas por Braun e Clarke (2006), numa lógica de flexibilidade e não olhando para elas como regras rígidas. Na primeira fase iniciou-se o processo de “imersão” nos dados, através da transcrição das entrevistas, procurando fazê-lo da forma mais fiel possível. Aqui verificou-se uma maior familiarização com os dados, através, ainda, da leitura e releitura dos mesmos e de um registo de aspetos considerados pertinentes. Passou-se, então, à identificação e codificação exaustiva das características relevantes dos dados, seguida da junção dos extratos codificados relevantes iguais ou semelhantes em potenciais temas e subtemas. Na fase seguinte os temas criados foram revistos e refinados, confirmando que formam um padrão coerente e refletem de forma precisa os significados do conjunto de dados. Por fim, passou-se à definição clara e concisa de cada tema, nomeando-os e refletindo acerca dos aspetos dos dados por eles capturados. Surgiram, assim, seis temas – realização do trabalho sexual *online*; trajetórias no trabalho sexual *online*; riscos e benefícios; consequências da realização do trabalho sexual *online*; clientes (Anexo C) –, que permitiram a redação dos resultados obtidos de forma lógica, coerente e interessante.

## Apresentação e discussão de resultados

### 1. Caracterização do trabalho sexual *online*

Ainda que todas as participantes recorram à utilização de plataformas de distribuição de conteúdo para a realização do trabalho sexual *online*, verificamos uma grande pluralidade de formas através das quais se dá a permanência nesta indústria. De facto, estas adotaram o potencial criativo e as oportunidades de rendimento das novas formas de comunicação digital (Sanders et al., 2018) de maneiras muito distintas, contrariando o relato demasiado homogêneo que é, frequentemente, apresentado em investigações no âmbito deste tema (Cunningham et al., 2018).

#### 1.1. Atividade realizada e serviços oferecidos

A combinação de vários tipos de trabalho sexual é algo bastante frequente, principalmente devido à necessidade ou vontade de aumentar os rendimentos retirados desta atividade (Sanders et al., 2018). Neste sentido, algumas participantes do nosso estudo referiram a realização de *webcamming* ou de filmes pornográficos paralelamente ao trabalho sexual *online* com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo.

Apenas duas participantes (P5<sup>1</sup> e P8) realizam trabalho sexual direto em complemento ao trabalho sexual *online*. No entanto, de acordo com a literatura, esta situação não é atípica, uma vez que existe um cruzamento significativo entre ambos os tipos de trabalho, com a maioria das pessoas que realizam trabalho sexual a oferecer uma gama de serviços diferentes (Cunningham et al., 2018; Sanders et al., 2018).

Relativamente ao modo como descrevem a atividade realizada, a maioria das entrevistadas menciona a venda de conteúdo e/ou serviços sexuais ou eróticos através da Internet, aproximando-se bastante da definição de trabalho sexual *online* apresentada por Jones (2015).

Uma das participantes descreve a realização do trabalho sexual *online* como a *distribuição de conteúdo custom, tipo personalizado* (P1). Assim, esta participante afasta-se das outras oito respostas, realçando o que considera ser uma vertente mais autêntica e

---

<sup>1</sup> Por forma a facilitar a exposição e interpretação dos resultados, atribuiu-se um código a cada participante, estando identificadas com a letra P (participante) e o número da ordem pela qual a entrevista foi analisada.

genuína do seu trabalho e atribuindo maior valor a esse aspeto da sua atividade, o que se percebe através da comparação que efetua com a falta de autenticidade da indústria pornográfica: *Eu acho que estou a construir assim uma counteraction para a indústria da porno (...) porque não tem realidade nenhuma. Mesmo quando tem histórias, a história é completamente ridícula (P1).*

Ainda neste sentido, a realização do trabalho sexual *online* aparece retratada por outra das participantes como a criação de *arte a partir daquilo que é o nu (P6)*, permitindo compreender que o lado artístico da atividade que realiza se apresenta como importante, não sendo o aspeto comercial o único que caracteriza o trabalho.

Por outro lado, no que toca aos serviços oferecidos para além da venda convencional de fotografias ou vídeos de carácter erótico através de plataformas de distribuição de conteúdo, duas participantes referem-se à *girlfriend experience* como um serviço que oferecem. De acordo com o definido por P10, esta consiste em  *fingir que sou a namorada deles durante um determinado número de dias, por um determinado valor e, reproduzindo aspetos das relações convencionais não remuneradas e incluindo serviços sexuais típicos do trabalho sexual online (Sanders, 2008), os clientes pagam por esta experiência principalmente devido à possibilidade de intimidade e companhia que procuram:*

*(...) acaba por ser muito pelo... pronto, ter uma pessoa com quem falar todos os dias, ter uma pessoa que apesar de tudo lhe vai perguntando como é que está, como é que não está, que vai perguntando sobre os problemas do trabalho... acabo por também intervir um bocadinho como se fosse amiga dele (...)* (P10)

A importância da necessidade de criatividade e reinvenção para cativar o maior número possível de clientes e agradar às diferentes preferências de todos é referida por três participantes. Neste sentido, descrevem a realização de espetáculos de grupo, com vários clientes a assistir ao mesmo tempo, a venda de conjuntos de fotos amadoras e profissionais e, também, a oferta de recompensas para clientes frequentes. Ainda neste sentido, P7 refere a realização de *streams*<sup>2</sup> de jogos em simultâneo com *striptease*, afirmando ser um tipo de conteúdo único em Portugal, o que prova a eficácia da criação e exploração de um nicho em torno da sua marca pessoal como estratégia de cultivo de seguidores (Berg & Penley, 2016).

---

<sup>2</sup> Transmissão ao vivo de conteúdos audiovisuais com o intuito de levar, em tempo real, entretenimento ao público.

Ao relatarem as suas experiências a nível da realização de trabalho sexual *online*, as entrevistadas acabaram por, frequentemente, mencionar a realização de trabalho sexual direto, acabando por descrever a realização de trabalho sexual baseado na Internet por oposição ao trabalho sexual direto e realçando as diferenças entre os dois.

Assim, as mulheres entrevistadas referem que apesar da *exposição de imagem [ser] muito maior, (...) não existe exposição física* (P3), pelo que, para elas, a segurança do trabalho sexual *online* se sobrepõe à possibilidade de rendimentos superiores do trabalho sexual direto.

Duas participantes referiram, ainda, que nunca achariam uma opção viável realizar trabalho sexual direto e que, por isso, se não realizassem trabalho sexual *online*, também não o fariam de outra forma. Ainda que não tenha sido afirmado de forma clara, isto ficou implícito em entrevistas com outras participantes. De facto, a literatura aponta para a Internet como o facilitador da realização de trabalho sexual para muita gente, que nunca tinha ponderado entrar nesta indústria até se deparar com uma forma menos direta e exposta de o fazer (Jones, 2015; Sanders, 2016):

*Sinceramente eu acho que é aqui que está o futuro do sex work porque nós não estamos a ver improvements nenhuns no tratamento das mulheres, especialmente das que fazem trabalho de sexo porque são tratadas logo como um objeto, em vez de uma pessoa. Não vemos melhorias nisso, então é normal que mais e mais pessoas se foquem em fazer as coisas que podem em casa, sem se porem em risco.*  
(P1)

## **1.2. Recursos para a realização do trabalho sexual *online***

Ainda que todas as entrevistadas recorram à plataforma OnlyFans para a realização do trabalho sexual *online*, a verdade é que existem outras plataformas e *websites* a que recorrem de forma complementar.

Assim, os *websites* e plataformas ManyVids, MyNaughtySelfies, Cam4, Chaturbate, StripChat, ClassificadosX, XSocial, Whatsapp, Skype e Zoom foram mencionados pelas participantes como locais a que também recorrem. Embora cada um destes tenha sido referido por apenas uma ou duas participantes, é importante mencioná-los.

As redes sociais também são usadas para a promoção de serviços e contacto com os clientes, sendo o Twitter utilizado por cinco das participantes. As nossas entrevistadas recorrem a esta rede social não só para angariar clientes e contactar com eles, tal como

descrito por Ryan (2019), mas também como forma de criar uma comunidade *online* de apoio de pares e de promoção de relações profissionais (Sanders et al., 2018). Por sua vez, a rede social Instagram, servindo, também, como meio de promoção e de relações profissionais e redes de apoio de pares, é a mais prevalente entre as participantes, apesar das suas restrições face ao conteúdo explícito: (...) *o Instagram, tudo o que é conteúdo adulto, é bloqueado. Mesmo que tu não publiques lá uma foto mais explícita, se o Instagram perceber que estás a vender conteúdo adulto, bloqueia-te a conta* (P2). Neste sentido, o conteúdo publicado no Instagram acaba por funcionar como uma amostra do conteúdo que poderá ser comprado pelos clientes, tentando ser chamativo e ilustrativo do resto de conteúdo existente, mas mantendo-se dentro das limitações impostas pela rede social:

*Portanto mostro aquelas que eu acho que podem entrar na plataforma que é o Instagram, para mostrar mais ou menos qual é a ideia que eu quero transmitir. E depois se alguém quiser comprar (...) o resto da photoshoot toda, o resultado com que nós ficamos no final, acabam por pagar por isso (...)* (P6)

Por sua vez, apenas uma das participantes relata a utilização da rede social Snapchat para a venda de conteúdo.

O OnlyFans é o recurso que possibilita uma relação mais íntima com quem compra o conteúdo. Nesta plataforma, as trabalhadoras do sexo respondem a perguntas dos clientes, permitindo que estes saibam um pouco mais acerca da pessoa que veem nas fotografias e vídeos, sendo algo que uma das participantes afirma fazer exclusivamente nesta plataforma. O facto de haver muitas pessoas que seguem as redes sociais das entrevistadas sem a intenção de alguma vez pagarem pelo conteúdo dificulta a interação através desses meios, razão pela qual o OnlyFans é o meio privilegiado para um contacto mais próximo com os clientes: (...) *no OnlyFans somos muito menos e também está dentro daquilo que eles pagam, não é? Saberem um bocadinho mais. Se quiserem perguntar eu digo* (P9).

### **1.3. Influência da pandemia na realização do trabalho sexual *online***

Os efeitos da pandemia fizeram-se sentir a nível da indústria do trabalho sexual *online* no geral, para além de surtirem impactos específicos em cada uma das entrevistadas. Assim, estes dois aspetos serão distinguidos nesta secção.

Deste modo, relativamente à influência geral no trabalho sexual *online*, todas as participantes referiram um aumento do número de pessoas a oferecer este tipo de serviços.

Este dado é coincidente com o evidenciado por Callander e colaboradores (2020a, 2020b), quando mencionam o aumento da popularidade do trabalho sexual *online* como uma consequência da pandemia, levando a um maior número de indivíduos a realizar trabalho sexual *online*.

Segundo o relatado nas entrevistas, esses aumentos prendem-se tanto com a entrada na indústria de pessoas que perderam o emprego que tinha devido à pandemia, e viram aí uma oportunidade de obterem rendimentos, como com a migração para a realização de trabalho sexual *online* por parte de pessoas que realizavam trabalho sexual direto, tal como reportado por Shehadi e Partington (2020). Associado a esse aumento da oferta, cinco das participantes defenderam que o mercado do trabalho sexual com base na Internet se encontra saturado, o que pode ser explicado pelo aumento insuficiente do número de clientes, que não acompanhou a evolução da oferta, apesar de tal poder ter sido expectável:

*Esperavam que com essa questão da pandemia o sexo virtual fosse crescer como um todo... esperavam que tivesse um maior aumento por conta da pandemia, que os clientes que geralmente procuram para o convívio fosse procurar para o sexo virtual. Só que não é bem o que aconteceu. Houve um aumento pequeno, mas muito menor do que esperado. (P3)*

Através do discurso de seis participantes foi possível definir três fases distintas relativamente à influência da pandemia na realização do trabalho sexual *online*. Deste modo, em março de 2020, quando Portugal se encontrou em confinamento obrigatório pela primeira vez, verificou-se um aumento do número de clientes e, consequentemente, dos rendimentos de quem realizava este tipo de trabalho: *Quando o COVID começou, eu acho que acabavam por dizer: “acho que as modelos vão ficar ricas”. E ricas, ricas, não. Mas foi muito bom (...)* (P2). Numa fase mais avançada, reportam que a incerteza financeira face à pandemia fez com que muitos clientes evitassem gastar dinheiro neste tipo de serviços, levando a que passassem a procurar menos o trabalho sexual *online*, originando uma diminuição dos rendimentos de quem o realiza. Por fim, as entrevistadas relataram que, nos últimos tempos de pandemia, se tem verificado um ligeiro aumento da procura, provavelmente relacionado com o levantamento das restrições e com o retomar da “vida normal”, que permitiu diminuir a incerteza financeira.

No que concerne aos impactos específicos nas nossas participantes, importa destacar que quatro entrevistadas começaram a realizar trabalho sexual *online* devido à pandemia: *Quando começou a quarentena, eu e muita gente vimo-nos presos em casa e então pensei (...)* “bem posso fazer aqui algum dinheiro extra e posso-me divertir e

whatever” (...) (P7). Para estas mulheres, a pandemia acabou por representar a *porta livre* (P4) que permitiu que se iniciassem nesta indústria, sem a qual não sabem se teriam, efetivamente, dado este passo. Em contrapartida, as vivências de quem já realizava trabalho sexual *online* previamente apresentam-se distantes, com uma participante a referir que a pandemia lhe permitiu criar conteúdo de forma mais regular e interagir mais com os seus clientes, por oposição a outras duas participantes que referem que o contexto pandémico dificultou bastante a sua capacidade de produzir conteúdo:

*Foi complicado, porque com a pandemia as escolas estiveram fechadas, a minha filha esteve em casa e eu não podia ir para shoots, eu não podia ir gravar pornos, não podia fazer cam shows, não podia fazer vídeos personalizados, não podia trabalhar em si porque eu tinha uma criança em casa comigo (...) (P5)*

Finalmente, P1 descreve problemas de saúde mental e imagem corporal agravados pelo contexto pandémico, que acabaram por se tornar um entrave à produção de conteúdo:

*(...) não me estou a sentir muito bem... ganhei peso no lockdown (...) imagem própria e mesmo... depressão e assim, não é? Uma pessoa quando está deprimida não se sente sexy o suficiente para se pôr em frente a uma câmara e tirar, tipo, cem fotos numa tarde. (P1)*

#### **1.4. Produção de conteúdo**

A produção de conteúdo para a realização de trabalho sexual *online* pode assumir formas bastante diversas, podendo ser concretizada de forma amadora ou profissional. A nível profissional, é frequente que sejam os próprios fotógrafos a contactar as pessoas que realizam trabalho sexual *online*, propondo que trabalhem em conjunto e pagando as taxas por elas definidas. De facto, o recurso a terceiros para a realização de algum aspeto específico do trabalho sexual *online* é bastante recorrente, com fotógrafos a serem dos mais requisitados (Bruckert & Law, 2013).

Ainda a nível profissional, três das participantes recorrem à gravação de filmes pornográficos para publicação no OnlyFans. Para tal, são estabelecidos contactos com outras pessoas que realizem trabalho sexual e com realizadores, decidindo as cenas que vão gravar e a forma como tal irá acontecer. Isto implica uma seleção criteriosa das pessoas envolvidas, para além de existir um grande cuidado com aspetos relacionados com a saúde: *(...) há sempre imensos testes a ser feitos, quer para DSTs quer também esta questão toda do COVID... acaba por existir muito cuidado até mesmo na seleção das pessoas (...) (P10).*

Ademais, uma das participantes afirmou produzir, por vezes, conteúdo amador com o marido e outra mencionou o envolvimento do namorado na realização do trabalho sexual *online*. Estas referências vão ao encontro do que relataram Bruckert e Law (2013), sobre ser frequente que as trabalhadoras independentes deleguem aspetos de gestão do seu trabalho a terceiros. No caso desta última participante, ela entrega a gestão das suas contas nas redes sociais ao namorado, reduzindo, assim, a carga de trabalho associada ao trabalho sexual *online*, o que permite que se dedique de forma mais exclusiva à produção de conteúdo. De facto, a popularidade e os rendimentos associados ao trabalho sexual *online* são vistos pelas participantes como sendo proporcionais ao esforço colocado na produção do conteúdo, pelo que permitir um aumento do esforço nesse sentido terá, à partida, efeitos muito positivos nos rendimentos e número de clientes.

## **2. Trajetórias no trabalho sexual *online***

### **2.1. Motivos de entrada**

Relativamente aos aspetos que motivaram a entrada na indústria do sexo, oito participantes referiram as perspetivas de vir a obter bons rendimentos, sendo que, associado a isto, surge a dificuldade em encontrar emprego na sua área de formação, experienciada por dois elementos da amostra. As demais entrevistadas apresentaram, em contrapartida, uma perspetiva de secundarização dos benefícios financeiros, em detrimento de outros aspetos atrativos: *Nem foi o motivo financeiro, foi mesmo a curiosidade. Porque na altura eu não precisava de dinheiro, porque ainda estava a viver com os meus pais, não tinha contas para pagar, né?* (P1). Estas duas participantes afastam-se não só das respostas das restantes, como também da literatura, que aponta os benefícios financeiros como uma das partes mais atrativas do trabalho sexual *online* (Sanders et al., 2016; Veena, 2007).

O interesse e a curiosidade relativamente à realização de trabalho sexual *online* foram mencionados por cinco participantes como motivos que as fizeram entrar nesta indústria e uma referiu, ainda, a curiosidade em relação às pessoas que compram este tipo de conteúdo. Efetivamente, o aumento da popularidade de plataformas de distribuição de conteúdo para a realização de trabalho sexual *online* e, conseqüentemente, das publicações em redes sociais por parte de pessoas que têm este tipo de atividade, aumentam a curiosidade de quem as vê, o que leva a atitudes mais positivas acerca do tópico e a um

aumento das intenções comportamentais de adotar um comportamento semelhante (Thomas & Vinuales, 2017).

Numa perspetiva menos pragmática, a perceção prévia de que a realização de trabalho sexual *online* seria empoderadora foi apontada como motivo de entrada por uma participante. Ainda neste sentido, uma das mulheres entrevistadas referiu que a sua motivação principal se prendeu com a vontade de produção de conteúdo artístico: (...) *eu crio arte a partir daquilo que é o nu. (...) isto foi sempre a minha ideia inicial, só que mais tarde vieram com as ideias de “podes vender o conteúdo, puedes ganhar dinheiro com isso”* (P6).

## 2.2. Entrada

A entrada na indústria do sexo na sequência de uma pesquisa acerca dos contornos da realização de trabalho sexual *online* motivada pela curiosidade foi apontada por duas participantes. Esta é explicada pelo aumento da curiosidade e das intenções comportamentais face ao trabalho sexual com base na Internet, devido à exposição a publicações acerca do mesmo decorrentes do aumento crescente da sua popularidade (Thomas & Vinuales, 2017).

Para outras duas participantes, a entrada no trabalho sexual *online* deu-se através da resposta a um anúncio de emprego com o qual se depararam enquanto procuravam trabalho noutra área:

*Mas eu acabei por responder a este anúncio sem saber, por acaso, para onde é que eu ia. Porque só falavam “se és desinibida, gostavas de trabalhar em casa, tens computador, tens acesso à Internet”, ou seja, não foi um anúncio que dizia “olha, queres fazer shows?”. Não, não foi um anúncio desses.* (P2)

Nesta fase, estas duas mulheres recorriam a plataformas de terceiros para a realização do trabalho sexual *online*, num *escritório de fachada* (P3), em que as pessoas que o geriam ficavam com parte dos lucros, até que decidiram passar para uma forma de trabalho independente.

Outro modo de entrada nesta indústria que é frequente prende-se com a introdução feita por terceiros, nomeadamente através de pessoas conhecidas que já realizavam trabalho sexual *online*. Verifica-se, assim, a importância do contacto com pessoas experientes na realização do trabalho sexual *online*, como forma de conhecerem mais acerca do trabalho e receberem dicas importantes de negócios e segurança (Sanders et al., 2018). Para além disso, surgem entradas que se devem a sugestões do parceiro, propostas

de fotografos com quem já haviam trabalhado ou, para uma participante que realizava trabalho sexual direto, através do seu *sugar daddy*<sup>3</sup>: (...) *foi ele que me mostrou que tinha umas amigas ou umas pessoas que ele conhecia (...) e foi ele que me mostrou o OnlyFans, por acaso (P8).*

Por fim, é de referir uma participante que afirma que passou de ser cliente, consumindo o conteúdo oferecido por pessoas que realizam trabalho sexual *online*, para trabalhadora do sexo: (...) *eu já fazia cam shows porque via na minha vida pessoal (P5).*

Ainda que seja comum que alguns indivíduos iniciem o trabalho sexual com base na Internet sem uma noção clara dos riscos que lhe estão associados (Jones, 2016), duas participantes mencionam uma consciência desses perigos e uma reflexão acerca dos mesmos, referindo explicitamente que *desde o início fiz a minha pesquisa antes de começar (P1)*. A importância da ponderação prévia à entrada nesta indústria é enfatizada por uma participante, tendo em conta os danos reais que a conduta praticada *online* pode ter na vida das pessoas no “mundo real” (Simpson, 2011):

*(...) é uma decisão que tu tens de pensar muito bem, porque quando vai a foto das tuas partes íntimas e da tua cara para a Internet, não vai sair tão cedo, ou pode não sair. Há muitas meninas que já deixaram o sex work e em grupos de leaks ainda continuam a aparecer as fotos delas, por exemplo (P9).*

### **2.3. Interrupções e desistências**

Sete das mulheres entrevistadas referem já ter tido períodos de inatividade no que toca ao trabalho sexual *online*. Oportunidades de emprego na sua área de formação são apontadas como um dos motivos para interrupções da realização deste trabalho, ainda que o regresso tenha acontecido não muito tempo depois, por sentirem falta do trabalho sexual *online* e da personagem que desempenham quando o fazem.

Nas participantes que realizam trabalho sexual *online* em paralelo com outro tipo de trabalhos, verificou-se uma dificuldade em conciliar os dois, vendo-se sem tempo para a produção de conteúdo devido ao cansaço. De facto, o trabalho sexual nem sempre é o principal modo de ocupação e é frequentemente realizado a tempo parcial ou esporadicamente (Sanders et al., 2018), havendo um número significativo de pessoas que

---

<sup>3</sup> *Sugar dating* refere-se a relacionamentos nos quais uma das partes é sustentada por dinheiro, presentes ou outros benefícios em troca de companhia. Neste tipo de relacionamento, *sugar baby* é a pessoa que recebe os benefícios financeiros, enquanto a outra parte se designa como *sugar daddy*, sendo um homem, ou *sugar mommy*, sendo uma mulher.

realizam trabalho sexual em conjunto com outro tipo de trabalhos ou com os estudos (Sanders et al., 2016). Isto, em conjunto com uma grande necessidade de despende tempo a gerir o trabalho sexual *online* (Rand, 2018), justifica a dificuldade sentida por essas participantes.

O desgaste emocional é, também, apresentado como responsável por períodos de interrupção do trabalho sexual. Este desgaste, originado pela componente emocional do trabalho sexual que acaba por ter implicações na saúde mental das trabalhadoras (Henry & Farvid, 2017), levou a que uma participante acabasse por prolongar a sua interrupção, para cuidar da sua saúde mental e procurar um equilíbrio que lhe permitisse continuar a realizar o trabalho sexual *online* de forma mais sustentável.

Por outro lado, a ponderação de desistir está presente no discurso de quatro participantes, sendo que os motivos relacionados com terceiros foram os mais apontados, nomeadamente situações problemáticas com fotógrafos, clientes ou elementos da sua vida pessoal. Outros fatores para esta ponderação podem resumir-se ao desgaste emocional, à necessidade de perder muito tempo a gerir o trabalho sexual *online* e à frustração perante a desvalorização do seu trabalho ao ser comparado com quem oferece conteúdo totalmente amador e/ou pornográfico. Há, ainda, uma participante que expressa a sua vontade futura de desistir quando conseguir arranjar trabalho na sua área de interesse.

#### **2.4. Motivos de permanência**

Assim como no que toca à entrada no trabalho sexual *online*, os benefícios financeiros são os motivos de permanência nesta indústria mais referidos, surgindo em quatro das entrevistas. Aliado a isto, uma participante refere que a permanência na indústria do sexo se deve a uma questão de necessidade, uma vez que os rendimentos obtidos são superiores aos que obteria ao trabalhar na sua área de formação: (...) *eu consigo ganhar mais disto do que com a minha licenciatura, então mantenho porque tem de ser, não é?* (P5). Ainda neste sentido, a dificuldade em encontrar emprego na sua área de interesse volta a ser referida, remetendo a permanência na indústria do sexo a uma situação apenas transitória.

A perspetiva do trabalho sexual *online* como uma forma de rendimento que não necessita de atividade permanente nas plataformas já que, uma vez colocado o conteúdo *online*, ele pode continuar a ser vendido, está presente no discurso de uma participante como um dos motivos pelos quais continua nesta indústria: (...) *é praticamente um modo*

*de rendimento passivo. Porque eu tenho conteúdo que fui criando ao longo dos anos que continuo a vender, porque as pessoas não querem saber se não é atual (...)* (P1).

As mulheres entrevistadas destacam, ainda, o gosto genuíno pela atividade que desempenham e o potencial para evolução e crescimento da sua venda de conteúdo como fundamentais para que mantenham a realização do trabalho sexual *online*.

Por fim, a existência de uma rede de suporte por parte das pessoas das suas relações pessoais é algo que motiva uma participante a permanecer na indústria do sexo, aliado ao apoio de quem compra os seus conteúdos. Esta afasta-se do retrato desenhado por McLean (2012) que reporta uma típica falta de envolvimento com as redes de suporte por parte de quem realiza trabalho sexual, que pode levar a um aumento de sentimentos de isolamento e estigmatização provocados pela permanência na indústria do sexo.

### **3. Riscos e benefícios do trabalho sexual *online***

#### **3.1. Riscos**

De um modo geral, os principais riscos identificados pelas mulheres entrevistadas prendem-se com questões ligadas à sua privacidade e segurança.

O *capping* é mencionado por sete participantes e, ainda que não tenha acontecido a todas as mulheres que o referiram, estas expressam medo de que se possa tornar a sua realidade: *Eu, para te ser sincera, nunca fui ver os fóruns porque tenho uma ansiedade enorme de isso acontecer comigo e nem sequer quero encarar a realidade* (P1). A exposição a que estão sujeitas é referida como um aspeto negativo para muitas das mulheres entrevistadas, sendo que o alcance da Internet torna problemático o controlo e manutenção da privacidade das pessoas que realizam trabalho sexual *online* (Campbell et al., 2018). Os riscos de *doxing* e *hacking* são, também, referidos, sendo que o conhecimento básico a nível de info-segurança é apresentado como uma estratégia para a minimização da sua ocorrência. Além disso, consideram que enfrentam riscos de vitimação superiores ao resto das mulheres, nomeadamente no que toca a questões de perseguição por parte de clientes obsessivos e a situações de assédio nas redes sociais – algo que uma participante (P7) refere explicitamente que já aconteceu consigo. Efetivamente, ainda que o trabalho sexual *online* não implique contacto físico e que, por isso, a segurança percebida pelas trabalhadoras seja superior, a verdade é que continuam a estar sujeitas a situações de

violência e assédio, ainda que possa não existir a componente física, sendo apenas psicológico e verbal (Cunningham, 2018; Henry & Farvid, 2017; Jones, 2015).

Problemas de conduta por parte de fotógrafos e as consequências que tal acarreta são, ainda, referidos como riscos inerentes a esta atividade. As participantes relatam situações em que os fotógrafos não respeitam as pessoas com quem estão a trabalhar e tentam ultrapassar os seus limites, criando situações de assédio com as quais as mulheres entrevistadas não se sentem capazes de lidar. Contudo, estas referem que a existência de comunidades *online* de trabalhadoras do sexo com base na Internet acaba por ajudar a contornar este risco, trocando informações entre elas acerca dos fotógrafos com quem já trabalharam e com os quais tiveram experiências negativas.

Por outro lado, há quem destaque questões de saúde mental, considerando o trabalho sexual *online* como *o iceberg das depressões, dos esgotamentos, de todos os problemas mentais que possam existir à face da Terra* (P4). Segundo Sanders (2005), estes problemas podem ocorrer ou ser agravados quer pelas longas horas de trabalho passadas sozinho, quer pela sexualização e objetificação regularmente presentes neste tipo de trabalho.

Uma participante refere, ainda, o grande número de horas necessário para a gestão do trabalho sexual *online* e todas as tarefas a que tem de se dedicar para realizar este tipo de trabalho como um risco desta atividade:

*(...) isto dá bué trabalho, não é como as pessoas pensam, que eu chego aqui, tiro duas fotos e ponho no OnlyFans para ganhar bué dinheiro. Não. Eu tenho de despender do meu tempo para contactar fotógrafos, para fazer sessões exclusivas, depois tenho de ficar à espera das fotos editadas, enquanto isso não tenho conteúdo, portanto tenho não sei quantas mais sessões fotográficas para fazer... depois tenho de receber o material, tenho que o dividir, tenho que pensar o que é que eu quero, o que é que eu não quero, tenho que postar constantemente, que é o que mais odeio. (P9)*

De facto, questões relacionadas com o *marketing*, gestão de contactos e tarefas tecnológicas são apontadas pela literatura como aquelas que mais influência têm no aumento das horas passadas em torno da gestão dos negócios *online* deste tipo (Pitcher, 2015; Rand, 2018).

No entanto, ainda que todas as participantes tenham enumerado aqueles que consideram os principais riscos desta atividade, algumas encaram-nos como algo que surge em todos os contextos e trabalhos, apresentando uma perspetiva de desvalorização ou

relativização dos mesmos, possivelmente para que se torne mais fácil conviver com eles de forma diária.

### 3.2. Benefícios

Os principais benefícios identificados pelas participantes prendem-se com a segurança, a autonomia e a flexibilidade e, ainda, com os bons rendimentos, que consideram inerentes ao trabalho sexual *online*. Assim, para estas mulheres, os benefícios desta atividade não podem ser percebidos apenas em termos económicos.

De facto, estas referem a menor exposição, a distância física dos clientes e o facto de estes não terem muitas informações pessoais sobre si como aspetos que fazem com que quem realiza este tipo de trabalho se sinta mais seguro, ao diminuir os riscos de violência física (Sanders et al., 2018). Para além disso, o facto de poderem parar de conversar ou até mesmo bloquear clientes problemáticos é visto como uma mais-valia, contribuindo para a sensação de segurança.

Relativamente à autonomia e flexibilidade, as participantes consideram benéfica a possibilidade de optarem por não vender conteúdo ou atender clientes em certos momentos, facilitado por estas características do trabalho sexual *online* que permitem que controlem as decisões sobre quando, onde e como querem vender sexo (Sanders et al., 2016).

A privacidade proporcionada pela realização do trabalho sexual com base na Internet é salientada por duas participantes: *Mas para muitas pessoas que estão a começar e não querem que as pessoas na cidade deles saibam, ou que o patrão deles saiba (...) faz mais sentido. E podes tapar a tua cara. Podes tapar as tuas tatuagens* (P1). Neste sentido, salientam a inexistência da visibilidade física nas ruas como o principal fator que permite a privacidade que valorizam, como referido por Kilvington e colaboradores (2001).

Por outro lado, duas das entrevistadas reportam o efeito positivo da realização de trabalho sexual *online* na autoestima como um dos seus benefícios, sendo que o aumento do autoconhecimento e da confiança surgem, cada um, no discurso de apenas uma participante. Para um dos elementos da amostra que referiu o efeito positivo na autoestima (P2), a realização do trabalho sexual *online* fez com que os seus problemas prévios a nível da imagem corporal deixassem de existir, principalmente devido aos comentários positivos por parte dos seus clientes. As participantes do estudo de Benoit e colaboradores (2017) relataram, à semelhança das nossas, um efeito positivo da realização do trabalho sexual *online* na autoestima e confiança, para além de afirmarem que a permanência nesta

indústria lhes permitiu explorar aspetos novos acerca de si próprias, aumentando o seu autoconhecimento. Além disto, o estudo de Sweet e Tewksbury (2000) descreve uma experiência frequente entre *strippers* – o chamado “síndrome do patinho feio” –, em que estas mulheres se sentiam pouco atraentes na adolescência e viam o trabalho sexual como forma de ganhar validação pessoal de que se tinham tornado em mulheres bonitas e sensuais. A experiência relatada por P2, efetivamente, aproxima-se disto.

A inclusividade do trabalho sexual *online* é, ainda, vista como um benefício por parte de uma participante:

*(...) há uma audiência para tudo! Para todos os tipos de corpos, para todos os estilos de mulher, de non-binary person, de trans person... há sempre compradores, seja qual for o teu nicho. Acho que é super mais inclusivo e... muito LGBTQ friendly, também. (P1)*

Neste ponto, é importante referir que o trabalho sexual é considerado como um espaço de empoderamento para pessoas transgénero, pois a sua beleza é admirada e são desejadas, contribuindo para que estas desenvolvam a sua autoconfiança e autoestima, num mundo social pautado pela marginalização e violência contra elas (Vartabedian, 2019).

#### **4. Significados e sentidos atribuídos ao trabalho sexual *online***

Para muitas das entrevistadas, o trabalho sexual *online* é uma fonte de prazer, algo que as faz sentir bem, e tal advém do gosto genuíno que têm pelo que realizam, influenciado pelos aspetos que mais valorizam nesta atividade. Assim, a possibilidade de diversão e criatividade, numa indústria que está em constante crescimento e mutação, causa bem-estar nas participantes, desafiando-as a inovar e procurar novas formas de cativar clientes e de não se sentirem aborrecidas ou estagnadas no processo, ao explorarem diferentes vertentes do trabalho sexual *online*. De facto, o potencial criativo presente neste tipo de trabalho é frequentemente destacado (Sanders et al., 2018), assim como a diversão de quem o desempenha (Jones, 2016).

O trabalho sexual *online* como fonte de prazer é, para outras mulheres, influenciado pela relação com os clientes, sentindo-se reconhecidas pelo conteúdo que produzem através do *feedback* positivo que recebem de quem o compra, para além de valorizarem a comunicação e interação com eles, colocando a dimensão afetiva da interação com os clientes numa posição de relevo (Jones, 2016).

Associado ao prazer, surge o sentimento de realização despertado pela venda de conteúdo sexual ou erótico. Quatro participantes descrevem esta atividade como uma forma de se sentirem úteis, encarando o trabalho sexual *online* como um ato altruísta, que ajuda os clientes a experienciar estimulação sexual que têm dificuldade em encontrar noutros campos das suas vidas, para além de desempenharem o papel de amigas, oferecendo companhia e disponibilidade para escutar e conversar com eles. Ainda neste sentido, uma participante vai mais longe, referindo o papel de auxílio que pessoas que realizam trabalho sexual *online* podem desempenhar com clientes com diversidade funcional:

*(...) tens gente com disabilities que têm mesmo uma dificuldade enorme em ter intimidade com pessoas por razões diferentes. (...) E, porra, também merecem divertir-se um bocadinho... e é uma parte natural da humanidade e é o trabalho mais antigo do mundo por uma razão. (P1)*

Ainda que a sociedade possa tender a esquecer-se, pessoas com diversidade funcional não são, por definição, assexuais. Estas necessitam, então, de exprimir e explorar a sua sexualidade, num contexto que nem sempre está preparado para lidar com esses seus desejos e vontades, pelo que o recurso a profissionais do sexo por parte de pessoas com diversidade funcional não é atípico e tem vindo a ser cada vez mais explorado (Fritsch et al., 2016).

De outra forma, a realização de trabalho sexual com base na Internet acaba por se tornar num hábito, com duas participantes a relatar uma dificuldade em se afastar, por sentirem falta da personagem que criaram para o efeito e revelando uma vontade constante de se superarem e continuarem a crescer nesta indústria. Por oposição, uma das entrevistadas encara a permanência na indústria do sexo como um *hobby*, numa perspetiva mais descontraída e casual, que se afasta da centralidade que o trabalho sexual *online* ocupa na vida das participantes previamente referidas. O afastamento devido ao facto de a entrevistada em questão ter deixado de produzir conteúdo novo durante um ano por causa do contexto pandémico – ainda que tenha continuado a vender conteúdo antigo –, pode justificar a posição menos central que o trabalho sexual *online* apresenta na sua vida.

A venda de conteúdo erótico ou sexual com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo pode ser vista, por si só, como uma forma de ativismo, ao fugir ao molde imposto pela sociedade do que é o comportamento aceitável da mulher. Esta ideia surge no discurso de duas participantes, que, além disso, mencionam a tentativa de desconstrução de estereótipos acerca de quem realiza trabalho sexual *online*, recorrendo a publicações em

redes sociais e iniciando conversas sobre estes tópicos, acabando por adotar o papel de educadoras. Estas participantes sentem-se, então, no dever de desempenhar este papel, advogando pelos direitos de quem trabalha na indústria do sexo e tentando estimular algumas mudanças societais. Ainda que de forma implícita, estes assuntos surgiram em mais entrevistas, realçando o impacto que estas mulheres procuram ter na luta feminista e na luta dos trabalhadores do sexo, através do uso das suas vozes, resistência e advocacia (Sanders et al., 2018).

O sentimento de empoderamento obtido através da realização de trabalho sexual *online* é, ainda, referido por duas participantes, que descrevem uma sensação de maior controlo sobre si próprias, o seu corpo e, acima de tudo, da sua própria agência, através da imposição de limites e comunicação acerca dos mesmos: *Porque antigamente se calhar não era capaz de chegar e dizer "não, é isto e acabou", e agora se calhar já consigo um bocadinho mais* (P6).

Estes significados positivos atribuídos ao trabalho sexual *online*, ainda que sejam mais frequentes, coexistem com perspetivas mais negativas do mesmo, originando experiências de sentimentos contraditórios face à permanência nesta indústria. Sendo assim, há participantes que descrevem um mal-estar face à realização de trabalho sexual *online*, causado pela ansiedade, desconforto e vergonha que relatam sentir devido aos comentários negativos que recebem de terceiros quando descobrem que estão na indústria do sexo, ou devido à antecipação de que a permanência nesta indústria venha a ser exposta. A objetificação foi destacada por uma participante, que sente que algumas pessoas que têm conhecimento da atividade que desempenha a veem numa perspetiva unidimensional, expressando frustração face a essa imagem superficial de si, que tenta contrariar:

*(...) o interesse das pessoas, de olharem para ti como se fosses só aquilo, estás a perceber? E não é só. Uma pessoa não é só aquilo, não é só a foto do rabo e não é só a foto das mamas. (...) irrita-me olharem para mim com essa imagem um bocado oca, sabes?* (P8)

Por fim, há uma participante que não se sente realizada com a venda de conteúdo erótico com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo, sendo que a vê como uma ocupação transitória, apenas até conseguir encontrar emprego na sua área de interesse.

## **5. Consequências da realização do trabalho sexual *online***

### 5.1. Nível pessoal

As participantes descrevem um impacto positivo da realização do trabalho sexual *online* a nível pessoal, começando por referir uma maior despreocupação geral, que provoca uma certa desvalorização da nudez: (...) *eu acho que só vejo o corpo das pessoas como corpos, mais nada. (...) Porque nós acabamos por ser todos iguais, portanto para mim... estar nu é como a gente veio ao mundo e pouco mais.* (P7)

Ainda neste sentido, uma das mulheres entrevistadas refere sentir-se mais confortável no seu próprio corpo e, tendo em conta a influência positiva da realização de trabalho sexual *online* na autoestima já reportada por outras participantes, podemos concluir que é um aspeto com que mais elementos da amostra se identificam, ainda que não o tenham mencionado de forma explícita. Ainda que os comentários e elogios dos clientes facilitem este tipo de consequências, urge destacar, também, o ato de tirar fotografia e gravar vídeos para a venda de conteúdo, ao permitir que as participantes se vejam noutros ângulos. Ora, num contexto em que se sentem *livre[s] de ser e fazer o que quer[em]*, (...) *aquilo acaba por transformar completamente a perspetiva que se tinha no início* (P6).

De outro modo, as participantes referem mudanças na sua visão sobre o mundo e sobre as pessoas como consequências da permanência na indústria do sexo, através da promoção de mentalidades mais abertas à diferença. O contacto com diferentes tipos de pessoas, desde outras pessoas que realizam trabalho sexual, até clientes e fotógrafos é, de facto, o elemento fundamental para esta mudança de mentalidades experienciada por duas das mulheres entrevistadas. Um elemento da amostra refere, ainda, que a atividade que desempenha originou uma diminuição do seu consumo de pornografia, provocada pela banalização da mesma: *Eu acho que quando você se torna parte da pornografia ela se torna algo irrelevante* (P2).

No entanto, efeitos negativos da realização do trabalho sexual *online* na vida pessoal das participantes também foram identificados, prendendo-se com questões de saúde mental. O desgaste emocional é referido por três elementos da nossa amostra, promovido pelo carácter emocional inerente ao trabalho sexual *online* (Henry & Farvid, 2017). Os comentários negativos dos clientes e a forma como eles tratam as pessoas que realizam trabalho sexual *online*, em conjunto com a eliminação recorrente das contas de Instagram – que implica recomeçar do zero cada vez que tal acontece – são apontados como fatores preponderantes para o desgaste emocional relatado. Além disso, uma participante (P3) relata ter sido diagnosticada com Síndrome de Burnout, associado ao

trabalho sexual com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo. De facto, se as profissões predominantemente relacionadas com um contacto interpessoal mais exigente estão submetidas a um maior stress crónico (Loureiro et al., 2008), percebe-se que a componente emocional do trabalho sexual *online* o coloca nessa categoria. Assim, por muito que o Burnout apareça, normalmente, associado a trabalhos mais convencionais, qualquer trabalhador se encontra vulnerável e o trabalho sexual *online* não se afigura como exceção, como prova esta participante.

## **5.2. Relações interpessoais**

As consequências da realização de trabalho sexual *online* nas relações interpessoais podem dividir-se entre aquelas que envolvem as pessoas integrantes deste meio e as que envolvem as pessoas alheias à indústria do sexo.

Posto isto, duas participantes referem que o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo para a realização de trabalho sexual lhes permite conhecer pessoas novas e expandir as suas redes sociais, através do contacto com outras pessoas que realizam este trabalho, fotógrafos e realizadores. Assim, uma das mulheres entrevistadas refere uma experiência de grande apoio por parte da comunidade de trabalhadores do sexo *online*, descrevendo um ambiente de entreajuda que se revelou fundamental no seu percurso na indústria do sexo. Por outro lado, três participantes descrevem essa comunidade numa perspetiva bastante negativa, caracterizando-a como sendo pautada pela competição devido aos rendimentos que conseguem obter do trabalho sexual *online*, referindo a dificuldade em confiar nos seus membros e em formar relações profundas e, ainda, uma grande falta de apoio por parte da rede de pares. Ainda que esta rede de pares seja importante no que toca a aspetos de partilha de informações e recursos e, ainda, de socialização – num trabalho caracterizado por algum isolamento – (Campbell et al., 2018), a verdade é que se tem verificado uma competitividade crescente por parte das pessoas que realizam trabalho sexual *online* (Sanders, 2018). Deste modo, a experiência díspar da participante que descreveu a comunidade de trabalhadores do sexo *online* numa perspetiva positiva (P1) pode ser influenciada pelo facto de realizar trabalho sexual *online* a partir de Inglaterra, utilizando *websites* que são mais comuns lá e acabando por pertencer a uma comunidade de pessoas que realizam trabalho sexual *online* no mesmo sítio, proporcionando-lhe uma experiência diferente.

O conhecimento por parte de familiares e amigos da realização de trabalho sexual *online* é comum nas nossas participantes, mas o desconhecimento também o é. De facto, é

típico que um grupo restrito de pessoas saiba o tipo de atividade que desempenha, por oposição ao resto dos elementos das suas vidas pessoais, de modo a evitar julgamentos, estigmatização e comentários desagradáveis. Referido por uma participante e estando implícito no discurso de quase todas as outras, a decisão de contar apenas a pessoas em quem sabem que podem confiar e que não irão julgar é habitual. No entanto, três das entrevistadas referem não esconder a realização do trabalho sexual *online*, partilhando de forma indiscriminada o desempenho desta atividade e escolhendo ignorar as possíveis reações negativas.

Ainda que uma grande parte da nossa amostra escolha deliberadamente os familiares e amigos a quem decide contar que realiza trabalho sexual *online*, a verdade é que as reações nem sempre são as esperadas. A aceitação e o apoio por parte dos outros são temas comuns referidos pelas mulheres entrevistadas, referindo comentários positivos por parte dessas pessoas e, até, uma tentativa de envolvimento no trabalho que desempenham, através de sugestões ou acompanhamento a certos eventos (*estive na banca das Suicide Girls a vender prints de fotos minhas nuas e o meu pai estava lá* [P9]). No entanto, respostas de indiferença ou mesmo negativas também são verificadas, principalmente devido a incompreensão por parte da família ou ciúmes por parte do parceiro. Por outro lado, ainda que as reações possam ser de aceitação, a verdade é que algumas participantes referem um impacto negativo do conhecimento nas relações interpessoais, por exemplo referindo a possibilidade de objetificação ou a dificuldade sentida de quererem aprofundar mais o conhecimento que têm sobre ela após descobrirem que realiza trabalho sexual *online*.

A nível de pessoas a quem é revelada a realização do trabalho sexual *online* – exceto nas participantes que não escondem a atividade que desempenham –, esse privilégio ficou reservado apenas a amigos e familiares mais próximos. No entanto, três delas referem o desconhecimento da família, apoiadas nas conceções mais conservadoras das gerações mais antigas que dificultariam ou, até, impossibilitariam a aceitação por parte dos familiares. É, também, pertinente mencionar uma das mulheres entrevistadas, que prefere que potenciais parceiros românticos não saibam de antemão que é trabalhadora do sexo, para impedir que se foquem demasiado nisso e se esqueçam de a tentar conhecer melhor:

*E quando a outra pessoa, primeira impressão que tem de ti é “okay, esta gaja vende conteúdo”, não quer descobrir se tu gostas de Fernando Pessoa, (...) de quem é que gostas, não é? Quer saber é o que é que tu fazes. “Qual é que foi a coisa mais louca que tu já fizeste no sexo?”* (P4)

Para além do mais, as participantes que estavam em relações amorosas referiram que o impacto da realização de trabalho sexual *online* nessas mesmas relações é mais reduzido do que as pessoas tendem a considerar. O facto de todas apresentarem como requisitos para as suas relações românticas a inexistência de preconceitos face à sua ocupação e que sejam apoiantes da mesma parece ser uma das principais explicações para esta conclusão.

### **5.3. Emprego e ensino**

Segundo Sanders e colaboradores (2018), um número representativo de pessoas que realiza trabalho sexual *online* combina essa atividade com os estudos ou outro tipo de trabalho. Neste sentido, as mulheres entrevistadas têm a perceção de que a venda de conteúdo erótico através da Internet pode ter consequências a nível do emprego e/ou ensino, o que não é surpreendente.

Desta forma, quatro participantes referem a possibilidade de a realização de trabalho sexual *online* ser um motivo para não serem contratadas, nomeadamente no caso de perda de oportunidades de emprego futuras, caso os empregadores venham a descobrir que desempenhavam esta atividade. Por outro lado, referem o risco de virem a ser prejudicadas a nível laboral ou do ensino devido à realização prévia de trabalho sexual *online*, destacando a possibilidade de serem expulsas da universidade ou de serem despedidas devido à atividade que desempenham. De facto, ainda que sejam apresentadas apenas como possíveis consequências, a verdade é que estas situações são exemplos concretos que já aconteceram a alguém do círculo de amigos das participantes.

Ainda que reconheça a possibilidade destas consequências, uma das participantes afasta-se do afirmado pelos restantes elementos da nossa amostra, ao defender que uma boa performance no trabalho leva à inexistência desse tipo de consequências laborais, que estão dependentes dos contextos específicos de cada situação: *Eu acho que quando tu és bom naquilo que tu fazes, acho que nada te pode impedir de estar a fazer aquilo que tu fazes (...) Mas depende muito dos casos e depende muito do profissional que tu és.* (P4)

Uma das mulheres entrevistadas refere, ainda, a possibilidade de situações de assédio por parte de superiores hierárquicos no emprego, depois de saberem que a pessoa realiza trabalho sexual *online*. Assim, a assunção, por parte da sociedade, de que as mulheres que realizam trabalho sexual são promíscuas é a principal base para esta possível consequência. Efetivamente, os impactos da realização do trabalho sexual *online* no

emprego e no ensino partem todos de uma base de estigma por parte da sociedade, pelo que tal passará a ser explorado na secção seguinte.

#### 5.4. Estigma

A existência de estigma face ao trabalho sexual *online* e quem o realiza é mencionada por todas as mulheres entrevistadas, indo ao encontro do afirmado por Wong e colaboradores (2010), acerca de as pessoas que realizam trabalho sexual constituírem um grupo marginalizado, amplamente sujeito ao estigma.

O estigma de *puta* (Phetersen, 1993) foi apontado por seis participantes como algo que ouvem frequentemente por parte de terceiros, sendo que a realização de trabalho sexual encarada como a venda do corpo e como perda de valor foram referidos, cada um, por quatro das entrevistadas. Para as mulheres entrevistadas, a justificação para isto foi consensual: a assunção por parte da sociedade de que todas as mulheres que realizam trabalho sexual são promíscuas, ao fugirem aos padrões comportamentais que a sociedade considera como os comportamentos aceitáveis para uma mulher. Estas explicações são, também, referidas por Phetersen (1993), que defende que esta estigmatização deriva da quebra das normas estabelecidas para o comportamento da mulher, como por exemplo ter relações sexuais com estranhos, com múltiplos parceiros, tomar a iniciativa sexual e controlar o encontro sexual, entre outros. Associada à promiscuidade surge a conceção, por parte de terceiros, de que as pessoas que realizam trabalho sexual *online* são portadoras de infeções sexualmente transmissíveis, tal como relatado por uma participante.

Para além disso, três das mulheres entrevistadas descrevem como comum o estigma de que ninguém faz trabalho sexual *online* de livre vontade, que este é a sua última opção a nível laboral, que foram forçadas a realizar esta atividade ou, em níveis ainda mais extremos, que toda a gente que realiza trabalho sexual foi vítima de tráfico humano. Esta perceção de vitimação e opressão de todas as pessoas que realizam trabalho sexual é, no entanto, bastante redutora, promovendo a sua estigmatização e desumanização, ao considerar impossível a sua agência individual e opção de escolha (Weitzer, 2010). A perceção, por parte de outros, de que o trabalho sexual é antifeminista foi, também, expressa por uma participante:

*Ainda no outro dia tive uma abordagem (...) de uma rapariga que estava a fazer um trabalho de cidadania e abordou-me a rir-se (...) a dizer que era socióloga e que não achava bem, que era triste para as mulheres, que estava a padronizar as mulheres e que estava a fazer parte do patriarcado... (P8)*

O trabalho sexual não é, de facto, consensual através dos diferentes paradigmas feministas, que apresentam diferentes perspetivas face a este tópico. O feminismo radical defende que o trabalho sexual é explorador, inerentemente prejudicial de forma física e mental e, acima de tudo, que contribui para uma maior subjugação das mulheres sob o patriarcado (Jeffreys, 2010). O feminismo liberal, por sua vez, argumenta contra esta ideia, afirmando que pode ser uma fonte de diversão, emancipação e empoderamento (Henry & Farvid, 2017), afastando-se da posição de que o trabalho sexual é antifeminista.

Contudo, o estigma não recai exclusivamente sobre as pessoas que realizam trabalho sexual, com a sociedade a encarar os clientes com reprovação, vendo a compra do sexo como algo degradante e algo de que devem ter vergonha. Assim, uma das mulheres entrevistadas defende que este estigma em torno de ser cliente de trabalho sexual acaba por exacerbar a violência sobre trabalhadores do sexo:

*Porque eu acho que depois os homens, eles reprimem muito essas emoções de vergonha e cenas assim e é por isso que depois se tornam violentos com as mulheres porque eles têm a vergonha e os remorsos e como reprimiram e recalcam aquilo até um ponto tóxico, agora aquilo vai ter de sair e alguém vai ter de ser a vítima. (P1)*

Estes estigmas a que as pessoas que realizam trabalho sexual *online* estão sujeitas são, como afirma uma das participantes, baseados em misoginia e no discurso dicotómico da mulher pura ou impura, que é utilizado como um mecanismo de controlo social, classificando as mulheres que não se conformam com as normas de género socialmente sancionadas (Levey & Pinsky, 2015).

É possível perceber no discurso das participantes sentimentos de tristeza e indignação perante o estigma a que estão sujeitas. Ainda que não se sintam de forma negativa relativamente ao seu próprio trabalho, as pessoas que realizam trabalho sexual *online* sabem que os outros, quando as estigmatizam, têm uma imagem distorcida delas, levando a sentimentos de revolta (Levey & Pinsky, 2015). No entanto, estas referem também já estarem habituadas a lidar com este tipo de situações, tendo algumas estratégias a que costumam recorrer. Para cinco das mulheres entrevistadas, ignorar é a melhor forma de lidar com o estigma. Há, ainda, quem tente chamar à atenção e explicar porque é que as pessoas estão erradas, ao contrário de uma participante que afirma silenciar ou bloquear, nas redes sociais, as pessoas que a tentam estigmatizar. Por fim, a diversão é fundamental para uma das mulheres entrevistadas, que refere que *gozo um bocado com o tipo de*

*peças que perpetuam o estigma, porque rir é o melhor remédio (...) porque ou fazes piadas sobre o assunto ou realmente é só deprimente (P1).*

### **5.5. Gestão emocional**

Oito das participantes procuram separar a sua vida profissional da vida pessoal, como forma de lidar com os aspetos emocionais da atividade que desempenham. Assim, a forma de separação mais comum consiste no estabelecimento de um horário de trabalho, para que haja uma demarcação explícita entre esses dois aspetos da vida das participantes. Para além disso, explicam às pessoas da sua vida pessoal, como possíveis parceiros, que querem manter estas duas vertentes separadas e evitam, também, falar da realização de trabalho sexual *online* em alguns contextos.

A necessidade de separação da vida profissional e pessoal leva a que as pessoas que realizam trabalho sexual *online* empreguem estratégias de gestão emocional, sendo que estas estratégias ecoam a necessidade de segurança psicológica e de separação da experiência do sexo como um ato comercial (Sanders, 2005).

Posto isto, a criação de uma personagem foi a estratégia de gestão emocional mais utilizada pelos elementos da nossa amostra, através da utilização de pseudónimos e de fornecerem uma história de vida e de contexto familiar fictícia ou não fornecerem informações pessoais aos clientes, coincidindo com a visão de Sanders (2005) e Jones (2016). Ainda neste sentido, uma participante afirma não mostrar a cara exceto em raras exceções – em que os clientes pagam bastante para tal e ela põe em prática um conjunto de regras rígidas para minimizar os riscos de ser gravada –, numa tentativa de separar o seu mundo público do privado (Sanders, 2005).

Duas das mulheres entrevistadas referem não realizar coisas de que não gostam ou com as quais não estão totalmente confortáveis, acabando por delimitar zonas de exclusão corporal – atos que não realizam de modo a protegerem-se psicologicamente (Jones, 2016):

*E sujeitamo-nos àquela dirty talk que é mesmo nojenta (...) eu odiava fazer isso e ficar naquele mood com uma pessoa que eu não conheço sequer. (...) depois caguei completamente nisso. Nem vale a pena, porque é uma coisa que eu detesto fazer e já não tenho necessidade de, neste momento. (P7)*

Por outro lado, temos uma participante que refere não fazer com parceiros algumas coisas que faz com clientes – como *sexting*<sup>4</sup> – numa tentativa de separar as suas interações sexuais pessoais do trabalho sexual que realiza (Sanders, 2005).

## 6. Clientes do trabalho sexual *online*

### 6.1. Características

A literatura acerca do trabalho sexual tem tendência a descrever a clientela desta indústria como uma massa indiferenciada (Browne & Minichiello, 1995). Contrariando esta disposição, as nossas participantes apresentaram algumas características dos clientes, mostrando que diferem bastante entre si, sendo que, de facto, quatro das mulheres entrevistadas referiram ter dificuldade em caracterizá-los por serem um grupo tão heterogéneo.

A nível de idades, quatro das entrevistadas referiram que existem bastantes variações. Ainda assim, sete participantes afirmaram que a maioria dos seus clientes são mais jovens. P9 apresenta uma possível explicação para isto, referindo que a compra de conteúdo erótico com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo implica o recurso às tecnologias, algo que é mais intuitivo quanto mais jovens os indivíduos são.

Para além disso, sete das mulheres entrevistadas referem que a maioria dos seus clientes são homens heterossexuais, ainda que afirmem que já tiveram algumas mulheres como clientes. Tendo em conta que, de um modo geral, a maior parte dos clientes da indústria do sexo são homens (Oliveira, 2003), já seria expectável que a mesma tendência se verificasse no contexto *online*. Uma exceção é apontada por uma participante, que refere que os clientes dos homens que realizam trabalho sexual *online* – ainda que tenham uma expressão reduzida – são maioritariamente homens homossexuais.

Entre as participantes que referem o nível socioeconómico dos clientes, duas afirmam que grande parte dos mesmos apresentam rendimentos mais reduzidos, sendo que é raro depararem-se com clientes com rendimentos elevados, pois esses *preferem mesmo estar com a pessoa ao lado* (P4). Em contrapartida, uma das mulheres entrevistadas refere que tem tantos clientes com rendimentos mais reduzidos como com rendimentos mais

---

<sup>4</sup> *Sexting* consiste em enviar mensagens de natureza sexual, envolvendo, frequentemente, o envio de fotos e vídeos explícitos e eróticos.

elevados, sendo que as diferenças estão apenas no tipo de conteúdo que compram: os primeiros compram o conteúdo mais básico, uma vez por semana, enquanto os segundos compram conteúdo de forma diária.

Os clientes são vistos por três elementos da nossa amostra como sendo interessantes e respeitadores, sendo que estas demonstraram alguma surpresa face a este facto, por fugir ao estereótipo de cliente de trabalho sexual que a sociedade tende a perpetuar. Para outras duas participantes, também foi surpreendente perceberem que consideravam grande parte dos seus clientes atraentes, sendo que a expectativa inicial que tinham era contrária – indo ao encontro da opinião de uma das entrevistadas (P4) que refere que a maioria dos seus clientes são homens que considera muito pouco atraentes, aproximando-se do estereótipo de cliente esperado.

Numa perspetiva diferente, uma das participantes refere ter uma percentagem elevada de clientes da área de informática ou *gamers*. De facto, a Internet parece ter aberto um novo mercado para homens de classe média que passam muito tempo em frente aos seus computadores e que procuram formas estruturadas e limitadas de interagir com mulheres, pois afirmam não terem tempo para uma relação plena (Ray, 2007).

## **6.2. Motivações**

Assim como as suas características, também as motivações dos clientes para recorrerem ao trabalho sexual *online* compreendem diversidade.

Segundo cinco das nossas participantes, muitos dos clientes procuram alguém que lhes possa fornecer alguma companhia, de modo a atenuar a solidão que sentem: *Outras pessoas procuram por serem sozinhos, completamente sozinhos e afastaram-se da sociedade e o sexo virtual é um escape. (...) Eles têm noção que estão a pagar pela tua companhia, mas é uma companhia, alguém com quem eles podem falar* (P2). Conclui-se que, para muitos homens, o sexo é apenas um pretexto, sendo que a verdadeira necessidade é emocional (Lucas, 2005). A isto associa-se a maior autenticidade, característica do trabalho sexual *online*, que fornece uma maior intimidade e interatividade entre trabalhadores e clientes, frequentemente procuradas por quem compra serviços sexuais *online*: *Perguntam-me muitas vezes: “que posições é que fazes? que coisas é que fazes? que roupa é que tu usas? quero sentir-me mais próximo, como é que eu faço isso?”* (P4). De facto, os clientes procuram uma vivência autêntica das interações sexuais, isto é, uma experiência “real” com uma pessoa “real” (Jones, 2016), que lhes permite a sensação de uma interação sexual convencional, dirigida de forma exclusiva a si e não manufaturada. A

preferência dos clientes por conteúdo amador em detrimento de conteúdo profissional, relatada por uma participante, parece, então, relacionar-se com esta procura por conteúdo autêntico. Ainda neste sentido, o desejo de posse é apontado por uma participante como a motivação de alguns clientes que, ao pagarem pelo conteúdo que lhes é posteriormente enviado, acabam por sentir que o mesmo foi criado exclusivamente para eles, aumentando a sensação de intimidade e autenticidade desta interação sexual.

Por outro lado, a curiosidade de explorar um mundo que é, para eles, desconhecido parece motivar alguns clientes, como relatado por duas das mulheres entrevistadas. De um modo geral, as pessoas sabem o que esperar de formas de trabalho sexual mais antigas e convencionais. No entanto, o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo para a realização de trabalho sexual *online* tem sido um fenómeno emergente dos últimos tempos, pelo que grande parte da população não conhece, nem sabe como se processa, o que pode explicar a compra de conteúdo motivada pela curiosidade.

Segundo duas participantes, a compra de sexo virtual prende-se, para muitos dos clientes, com a dificuldade ou impossibilidade de encontrarem alguém com quem praticar atos sexuais específicos de forma convencional, o que já havia sido relatado por Sacramento (2005). Aqui encaixam-se não só os clientes que não têm parceiro regular, como também aqueles que se encontram em relações românticas, mas optam por realizar certas práticas sexuais com trabalhadores do sexo, por considerarem que o parceiro não vai aceder a esse pedido (Sacramento, 2005). Os relatos dos elementos da nossa amostra destacam que o recurso ao trabalho sexual *online* por parte dos clientes que estão em relações amorosas se deve ao facto de não quererem trair as parceiras, ainda que procurem atos sexuais diferentes dos que têm com elas. Assim, parecem considerar que a traição se caracteriza pelo contacto físico entre as duas partes envolvidas, pelo que a distância física específica do trabalho sexual *online* torna esta interação legítima dentro dos parâmetros por eles estabelecidos.

Para outros, a procura de trabalho sexual *online* surge como uma forma de escapar à tensão e responsabilidade da vida profissional (*Porque há gente que tem de ser tão séria, tão responsável na sua vida profissional, que estão connosco para libertar isso. Para conseguirem escapar um pouquinho. [P5]*). A compra de sexo virtual afigura-se, então, como uma forma de relaxamento ou alívio do stress, fornecendo um escape temporário da pressão para a perfeição imposta pela vida profissional (Jordan, 1997).

Por fim, há clientes que recorrem ao trabalho sexual *online* por terem subjacentes algumas fantasias ou fetiches específicos, não tendo alguém com quem os pôr em prática,

ou não se sentindo confortáveis a partilhar com outras mulheres que não trabalhadoras do sexo. Aqui, verifica-se uma dicotomia entre a visão que têm de mulheres que realizam trabalho sexual – hipersexualizadas, especialistas em sexo e disponíveis para realizar todo o tipo de atos sexuais (Pheterson, 1993) – e as outras mulheres – puras e com uma sexualidade mais ligada à afetividade e a atos sexuais ditos convencionais (Sacramento, 2005).

### 6.3. Fetiches

Se três das nossas participantes referiram o recurso ao trabalho sexual *online* por parte de alguns dos seus clientes devido ao facto de terem alguns fetiches específicos, importa, aqui, mencioná-los. Neste sentido, P1 refere que o fetiche mais popular entre os seus clientes se prende com a excitação sexual por comer ou ter partes do seu corpo comidas por outra pessoa – a vorarefilia: (...) *o fetiche mais popular no meu demographics, que eu vendo, é vorarefilia que é basicamente um fetiche que vem do anime, que é um fetiche de seres comido vivo por uma mulher gigante*. Esta revela, ainda, uma grande satisfação e diversão face à simplicidade do tipo de conteúdo que lhe é pedido pelos clientes que apresentam este tipo de fetiche:

*E o tipo de vídeos que eu fazia na altura era, por exemplo, engolir gummy bears inteiros e eles adoram pensar que, tipo, não há ácido no estômago, nem nada... é todo um estômago de fantasia onde eles vivem depois dentro de ti e saem do outro lado. Alguns gostam de imaginar o gore<sup>5</sup>, não é? Então tens de morder o gummy bear... Eu nem sequer tinha de tirar a minha roupa, só tinha de me sentar a comer gomas! Eu adorava... adoro esse nicho, é incrível! (P1)*

Esta participante descreve, ainda, um grupo de clientes com fetiche pela úvula e o tipo de conteúdo que tem para lhes oferecer: *Eles gostam de ver esse sininho [úvula] e eu vendia (...) fotos do sininho e depois eles mandavam-me Photoshop de uma foto deles agarrados lá (P1)*. Efetivamente, face a estes fetiches tão pouco convencionais, a participante expressa compreensão perante a dificuldade de os expor a uma potencial parceira e de lhe pedir que participe nos mesmos, compreendendo o recurso a trabalhadoras do sexo para esta gratificação sexual. Esta reforça, então, a maior facilidade de expor estes aspetos a trabalhadoras do sexo, considerando que o estatuto pago deste tipo

---

<sup>5</sup> Representações gráficas de sangue e violência.

de interações acaba por eliminar ou diminuir a vergonha ou o medo de julgamentos muitas vezes associados a atos sexuais que fogem ao socialmente convencional.

Para outras duas das mulheres entrevistadas, as fantasias apresentadas pelos seus clientes prendem-se com fetiches por pés, *collants* e *lingeries* e, ainda, a fantasia *cuckold* – excitação sexual ao ver o parceiro a ter relações sexuais com outras pessoas. Assim, ainda que estes sejam fetiches mais comuns, os clientes preferem recorrer a trabalhadoras do sexo *online* para obterem a estimulação sexual, em detrimento de procurarem parceiras regulares que os possam julgar.

#### **6.4. Comportamento**

Ao longo das entrevistas, as participantes foram descrevendo alguns comportamentos por parte dos clientes pertinentes de serem destacados.

Desta forma, percebeu-se que é muito comum que os clientes perguntem frequentemente às trabalhadoras do sexo *online* se realizam trabalho sexual direto, insistindo regularmente para que o façam e ainda que nenhuma das mulheres entrevistadas ceda a este tipo de pressão, isto não os parece deter. Estes parecem enquadrar-se numa das categorias de clientes que Browne e Minichiello (1995) definiram como os indesejáveis, caracterizando-se pela sua arrogância, esperando sempre mais pelo seu dinheiro e frequentemente tratando as trabalhadoras do sexo com desrespeito. Três das participantes avançam com uma explicação para este desrespeito, referindo que os clientes as veem como estando *no nível abaixo e então descarregam tudo em nós* (P5), não tratando as trabalhadoras do sexo *online* com consideração. Isto contrasta com a descrição de outras mulheres entrevistadas, que descrevem os seus clientes numa perspetiva muito mais positiva, sentindo-se respeitadas por eles. Uma possível explicação para esta discrepância é apontada por P7, que defende que os clientes jovens são frequentemente mais problemáticos, exigentes e desrespeitosos, face aos clientes mais velhos: (...) *as pessoas pensam que são bué nojentos e não sei quê, mas normalmente nem são esses que são nojentos, é a malta nova que costuma ser mais nojenta. Os velhos normalmente (...) são sempre homens muito respeitadores, não é?* (P7). Efetivamente, a definição de Browne e Minichiello (1995) dos clientes indesejáveis destaca os mais jovens como mais desagradáveis, ainda que possam ser vistos como sexualmente mais desejáveis devido ao seu aspeto físico.

Tendo em conta que alguns dos clientes que recorrem ao trabalho sexual *online* se encontram em relações românticas, duas participantes evidenciam uma preocupação por

parte dos mesmos para que as parceiras não descubram que procuram trabalho sexual: (...) *muitos estão a dizer: “espera aí que eu tenho que ver se a minha esposa vai às compras”, “olha que eu estou à espera que ela adormeça”* (P2).

Clientes importunadores são referidos por duas participantes, ainda que em perspetivas diferentes. Assim, um dos elementos da amostra salienta os clientes que estão constantemente a tentar obter recompensas ou conteúdo gratuito: *Outras coisas que também chateiam um bocado são clientes que querem pedir coisas de graça o tempo todo. Ou clientes que acham que porque fizeram um ou dois shows eles têm direitos a regalias, como fotos ou vídeos* (P3). Por outro lado, é estabelecida uma diferença entre os clientes que efetivamente compram conteúdo e aqueles seguidores que conversam com as trabalhadoras do sexo *online* fingindo que estão interessados em comprar conteúdo, apesar de não terem qualquer intenção de o fazer. Os potenciais clientes que desperdiçam o tempo das pessoas que realizam trabalho sexual acabando por não comprar o serviço por elas oferecido tem sido, efetivamente, documentado como uma grande irritação de quem vende sexo (Sanders, 2005).

Por fim, uma das mulheres entrevistadas menciona o gosto, por parte de alguns clientes, de oferecerem prendas às trabalhadoras do sexo como forma de se sentirem bem consigo próprios, ao contribuírem para a satisfação de outros. Estes clientes, procurando uma componente interativa superior ao normal, contrastam com o que afirma outra participante, relatando a existência de alguns clientes que, nos espetáculos que faz em complemento à utilização de plataformas de distribuição de conteúdo, apenas observam, não interagindo com ela.

## Considerações finais

Através dos discursos das participantes do presente estudo, concluímos que a realização de trabalho sexual *online* é um contexto que se pauta pela diversidade em todas as suas dimensões, rejeitando o retrato homogêneo frequentemente difundido pela investigação no âmbito deste tema (Cunningham et al., 2018). De facto, é comum que o recurso a plataformas de distribuição de conteúdo seja complementado com outros tipos de trabalho sexual – *online* e/ou direto. No entanto, o tópico do trabalho sexual direto é algo em que as nossas participantes discordam, sendo que algumas afirmam fazê-lo paralelamente ao trabalho sexual *online*, enquanto outras defendem que nunca o fariam, atraídas pela distância física face ao cliente promovida pelo contexto *online*. Percebemos, então, a influência da expansão da Internet no trabalho sexual, que não só levou a novas formas de o realizar (Oliveira, 2016), como à entrada de pessoas que, de outra forma, não se envolveriam nesta indústria.

Ainda que os benefícios financeiros pareçam ser os principais impulsionadores da entrada e permanência na indústria do sexo, concluímos que outras motivações menos pragmáticas se apresentam como igualmente (ou mais) importantes, dependendo dos significados que cada uma atribui ao trabalho sexual *online*. Esta pluralidade de motivações afasta-se da explicação simplista e amplamente difundida de que os fatores económicos são sempre os impulsionadores da entrada na indústria do sexo, que encara a entrada no trabalho sexual como consequência da falta de poder de escolha. Além disso, tendo sido apresentados diversos riscos e benefícios da venda de conteúdo sexual com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo, concluímos que questões relacionadas com a segurança se apresentam como aspetos positivos e negativos, simultaneamente. Assim, se a inexistência de contacto físico com os clientes faz com que as trabalhadoras se sintam mais seguras, a verdade é que o recurso à Internet promove novos problemas relacionados com a segurança que são específicos deste contexto *online*.

Constatamos que as consequências da permanência na indústria do sexo abarcam diferentes dimensões da vida de quem realiza trabalho sexual, demonstrando a pertinência de uma maior compreensão do fenómeno e dos seus impactos. Posto isto, ainda que as participantes tenham mencionado consequências positivas, importa destacar que os efeitos negativos referidos se devem à forte presença de estigma em torno da indústria do sexo. A nível, por exemplo, das relações interpessoais, são raras as participantes que revelam a

realização do trabalho sexual *online* a todos os elementos da sua vida pessoal, sendo frequente que contem apenas a um grupo restrito de pessoas em quem confiam. Assim, gerem a informação que contam sobre si a pessoas do seu círculo mais alargado, temendo julgamentos e estigmatização. Em relação aos significados atribuídos à realização do trabalho sexual *online*, verifica-se uma coexistência de significados positivos e negativos, ainda que os primeiros prevaleçam. No geral, ainda que esta atividade seja vista como uma fonte de prazer e realização pessoal, também é descrito um mal-estar devido à forma como são ou poderão ser vistas socialmente. Assim, o estigma exerce uma pressão intensa nas pessoas que desempenham trabalho sexual *online*, que ainda são vistas através da dualidade promiscuidade-vitimação. Urge, assim, uma maior compreensão societal acerca da diversidade de motivações e sentidos associados ao trabalho sexual, procurando diminuir a estigmatização e desumanização a que estas pessoas estão sujeitas.

Os clientes, ainda que se apresentem como um grupo bastante diverso, acabam por se aproximar do que seria expectável, com as participantes a afirmar que são maioritariamente homens heterossexuais. Características do trabalho sexual *online*, estes clientes procuram, principalmente, alguma autenticidade e intimidade, revelando necessidades mais emocionais em detrimento de necessidades sexuais (Lucas, 2005), para além de apresentarem, frequentemente, fetiches específicos.

Por fim, a pandemia provocada pela COVID-19 levou a um aumento de pessoas a oferecer trabalho sexual *online*, levando a uma saturação do mercado, já que o crescimento do número de clientes não foi proporcional ao do número de pessoas a oferecer este tipo de serviços, devido à incerteza financeira originada pelo contexto pandémico. Efetivamente, os confinamentos obrigatórios acabaram por se tornar momentos decisivos para a entrada no trabalho sexual *online* de um grande número de pessoas, que, pela primeira vez em muito tempo, se viram em casa com bastante tempo disponível e impedidas de realizar outro tipo de atividades.

Ainda que a generalização destes resultados não seja viável, devido ao carácter exploratório e qualitativo deste estudo, a verdade é que permite um maior conhecimento sobre um fenómeno em emergência, do qual ainda se conhece muito pouco. Através das entrevistas com estas mulheres que realizam trabalho sexual *online*, conseguimos contactar com uma população que, até então, não havia sido estudada em Portugal, compreendendo o modo de funcionamento desta indústria e, ainda, a forma como quem nela participa a percebe e é influenciado por ela. Além disso, consideramos que a técnica de recolha de dados se adequa aos objetivos propostos, permitindo que as participantes explorassem os

assuntos que lhes pareciam mais pertinentes. Ao transcrever o discurso das entrevistadas de forma exata e ao utilizar excertos desses mesmos discursos na apresentação e discussão de resultados, procurámos dar voz e empoderar esta população frequentemente esquecida. As participantes também expressaram este sentimento quando contactadas para a realização das entrevistas, referindo o quão importante e pertinente é, para elas, a realização deste tipo de estudos. De facto, esperamos que este estudo venha colmatar a lacuna a nível de conhecimento acerca deste tópico, permitindo aceder às vivências de quem está envolvido no contexto e, assim, minimizar a existência de estigma em torno da realização de trabalho sexual *online* e a sua influência negativa, levando a intervenções que promovam a sua redução. Esta dissertação pode, ainda, ser uma base exploratória para estudos futuros, no sentido de aprofundar alguns dos aspetos aqui destacados.

Independentemente deste estudo se afigurar como inovador, retratando um tópico pouco explorado, importa refletir sobre as suas limitações. Desta forma, ainda que a realização das entrevistas através de chamadas de vídeo tenha facilitado a recolha de dados – ao contornar questões relacionadas com a distância geográfica e facilitando a compatibilidade de horários entre entrevistadas e entrevistadora –, a verdade é que a Internet se apresentou, por vezes, como um obstáculo. De facto, a instabilidade da conexão à Internet, que originou alguns momentos de corte no vídeo e áudio, levou a que se pudesse ter perdido alguma informação, já que as participantes apresentavam alguma dificuldade em retomar a linha de pensamento do discurso interrompido pelas falhas de Internet, ainda que se tivesse tentado estimulá-las nesse sentido. Por outro lado, apesar de termos optado por incluir apenas mulheres que realizam trabalho sexual *online* na nossa amostra, todas as participantes identificaram-se como mulheres cisgénero. A inclusão de mulheres transgénero poderia, então, permitir conhecer mais acerca das suas vivências nesta indústria, invariavelmente diferentes, moldadas pela sua experiência de marginalização e violência por parte da sociedade (Vartabedian, 2019). Deste modo, consideramos que a sua ausência deste estudo se apresenta como uma limitação e deveria ser colmatada em estudos futuros, permitindo dar voz às experiências destas mulheres. Além disso, próximas investigações deveriam, também, procurar incluir homens – cisgénero e transgénero – e pessoas não binárias que realizam trabalho sexual *online*, refletindo acerca das suas vivências e analisando possíveis diferenças entre si. Por fim, consideramos pertinente a realização de investigações acerca dos clientes de trabalho sexual *online* com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo, procurando explorar as suas vivências face a este tópico, enquanto intervenientes fundamentais desta indústria.

## Referências Bibliográficas

- Agence France-Presse (2020, April 19) Modelos webcam se reinventan en medio de la pandemia. *La Opinion*. <https://www.laopinion.com.co/>
- Baj, L. (2020, março 30). A sex worker on how Coronavirus is impacting business & how you can be an ally right now. *Pedestrian*. <https://www.pedestrian.tv/>
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2011). *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som*. Editora Vozes.
- Benoit, C., Smith, M., Jansson, M., Magnus, S., Flag, J., & Maurice, R. (2017). Sex work and three dimensions of self-esteem: self-worth, authenticity and self-efficacy. *Culture, Health & Sexuality*, 20(1), 69–83. <https://doi.org/10.1080/13691058.2017.1328075>
- Berg, H., & Penley, C. (2016). Creative precarity in the adult film industry. In Curtin, M., & Sanson, K. (Eds.), *Precarious creativity: Global media, local labor* (pp. 159–171). University of California Press.
- Bernstein, E. (2007). *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity, and the Commerce of Sex*. University of Chicago Press.
- Bindel, J. (2020, abril 15). There’s nothing ‘empowering’ about the sex work on OnlyFans. *The Spectator*. <https://www.spectator.co.uk>
- Bleakley, P. (2014). ‘500 tokens to go private’: Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. *Sexuality & Culture*, 18(4), 892–910. <https://doi.org/10.1007/s12119-014-9228-3>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful Qualitative Research*. SAGE Publications.
- Browne, J., & Minichiello, V. (1995). The Social Meanings behind Male Sex Work: Implications for Sexual Interactions. *The British Journal of Sociology*, 46(4), 598–622.
- Bruckert, C., & Law, T. (2013). *Beyond pimps, procurers and parasites: Mapping third parties in the incall/outcall sex industry*. Social Sciences and Humanities Research Council of Canada.

- Callander, D., Meunier, E., DeVeau, R., Grov, C., Donovan, B., Minichiello, V., Goodwin, A., & Duncan, D. (2020a). Sex workers are returning to work and require enhanced support in the face of COVID-19: results from a longitudinal analysis of online sex work activity and a content analysis of safer sex work guidelines. *Sexual Health, 17*, 384–386. <https://doi.org/10.1071/SH20128>
- Callander, D., Meunier, E., DeVeau, R., Grov, C., Donovan, B., Minichiello, V., Kim, J., & Duncan, D. (2020b). Investigating the effects of COVID-19 on global male sex work populations: a longitudinal study of digital data. *Sexually Transmitted Infections, 97*, 93–98. <https://doi.org/10.1136/sextrans-2020-054550>
- Campbell, R., Aydin, Y., Cunningham, S., Hamer, R., Hill, K., Melissa, C., Pitcher, J., Scoular, J., Sanders, T., & Valentine-Chase, M. (2018). Technology-mediated sex work. In Dewey, S., Crowhurst, I., & Izugbara, C. O. (Eds.), *The Routledge International Handbook of Sex Industry Research*. (pp. 533–553). Routledge.
- Creswell, J. (2002). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and mixed methods approaches*. SAGE Publications.
- Creswell, J. (2007). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing Among Five Approaches*. SAGE Publications.
- Cunningham, S., & Kendall, T. (2011). Prostitution 2.0: The changing face of sex work. *Journal of Urban Economics, 69* (3), 273–287. <https://doi.org/10.1016/j.jue.2010.12.001>
- Cunningham, S., Sanders, T., Scoular, J., Campbell, R., Pitcher, J., Hill, K., Valentine-Chase M., Melissa, C., Aydin, Y., & Hamer, R. (2018). Behind the screen: Commercial sex, digital spaces and working online. *Technology in Society, 53*, 47–54. <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2017.11.004>
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of qualitative research*. SAGE Publications
- Dewey, S., Crowhurst, I., & Izugbara, C. (2018). Technologies: an introduction. In Dewey, S., Crowhurst, I., & Izugbara, C. (Eds.), *The Routledge International Handbook of Sex Industry Research*. (pp. 529–532). Routledge.
- Ditmore, M. (2011). *Prostitution and sex work*. Greenwood Publishing.
- Dobson, A. (2007). Femininities as commodities: Cam girl culture. In Harris, A. (Ed.), *Next wave cultures: Feminism, subcultures, activism* (pp. 123–148). Routledge.
- Empel, E. (2011). (XXX)potential Impact: The Future of the Commercial Sex Industry in 2030. *The Manoa Journal of Fried and Half-fried Ideas (about the Future), 13*, 1–15.

- Esteves, A. (1998). Metodologias Qualitativas: Perspectivas Gerais. In A. Esteves & J. Azevedo (Eds.) *Metodologias qualitativas para as ciências sociais*. Instituto de Sociologia.
- Farley, M. (2020). Prostitution, the Sex Trade, and the COVID-19 Pandemic. *Logos*, 19(1), 1–34.
- Fontanella, B., Ricas, J., & Turato, E. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17–27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Fritsch, K., Heynen, R., Ross, A., & Meulen, E. (2016). Disability and sex work: developing affinities through decriminalization. *Disability & Society*, 31(1), 84–99. <https://doi.org/10.1080/09687599.2016.1139488>
- Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas.
- Green, S. (2016). What counts as prostitution? *Bergen Journal of Criminal Law and Criminal Justice*, 4(1), 65–101. <https://doi.org/10.15845/bjclcj.v4i1.1027>
- Harcourt, C., & Donovan, B. (2005). The many faces of sex work. *Sexually Transmitted Infections*, 81(3), 201–206. <https://doi.org/10.1136/sti.2004.012468>
- Henry, M., & Farvid, P. (2017). ‘Always hot, always live’: Computer-mediated sex work in the era of ‘camming’. *Women’s Studies Journal*, 31(2), 113–128.
- Hermanns, H. (2004). Interviewing as an Activity. In Flick, U., Von Kardoff, E., & Steinke, I. (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 203–2013). SAGE Publications.
- Howard, S. (2020). Covid-19: Health needs of sex workers are being sidelined, warn agencies. *BMJ*, 369, 1. <https://doi.org/10.1136/bmj.m1867>
- Huberman, A., & Miles, M. (1994). *Qualitative data analysis*. SAGE Publications.
- Hughes, D. (1999). The Internet and the global prostitution industry. In S. Hawthorne, & R. Klein (Eds.), *Cyberfeminism: Connectivity, critique and creativity* (pp. 157–184). Spinifex Press.
- Jeffreys, S. (2010). “Brothels without Walls”: the Escort Sector as a Problem for the Legalization of Prostitution. *Social Politics*, 17(2), 210–234.
- Jones, A. (2015). Sex Work in a Digital Era. *Sociology Compass*, 9(7), 558–570. <https://doi.org/10.1111/soc4.12282>
- Jones, A. (2016). “I get paid to have orgasms”: Adult webcam models’ negotiation of pleasure and danger. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 42(1), 227–256. <https://doi.org/10.1086/686758>

- Kilvington, J., Day, S., & Ward, H. (2001). Prostitution policy in Europe: A time of change? *Feminist Review*, 67(1), 78–93. <https://doi.org/10.1080/01417780150514510>
- Lam, E. (2020). Pandemic sex workers' resilience: COVID-19 crisis met with rapid responses by sex worker communities. *International Social Work*, 63(6), 777–781. <https://doi.org/10.1177/0020872820962202>
- Leigh, C. (1997). Inventing Sex Work. In J. Nagle (Ed.), *Whores and Other Feminists* (pp. 225–231). Routledge.
- Levey, T., & Pinsky, D. (2015). A Constellation of Stigmas: Intersectional Stigma Management and the Professional Dominatrix. *Deviant Behavior*, 36(5), 347–367. <https://doi.org/10.1080/01639625.2014.935658>
- Lucas, A. (2005). The work of sex work: elite prostitutes' vocational orientations and experiences. *Deviant Behavior*, 26, 513–46. <https://doi.org/10.1080/01639620500218252>
- Marshall, C., & Rossman, G. (1989). *Designing Qualitative Research*. SAGE Publications.
- McLean, A. (2012). New realm, new problems? Issues and support networks in online male sex work. *Gay & Lesbian Issues and Psychology Review*, 8(2), 70–81.
- Oliveira, A. (2003). Actores do trabalho sexual: características comuns e traços distintivos. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 169–186.
- Oliveira, A. (2016). Trabalho Sexual. In Maia, R., Nunes, L., Caridade, S., Sani, A., Estrada, R., Nogueira, C., Fernandes, H., & Afonso, L. (Eds.), *Dicionário – Crime, Justiça e Sociedade* (pp. 494–495). Edições Sílabo.
- OnlyFans. (2021, março). *Termos de Serviço*. <https://onlyfans.com/terms>
- Paasonen, A. (2010). Labors of love: Netporn, web 2.0 and the meanings of amateurism. *New Media & Society*, 12(8), 1297–1312. <https://doi.org/10.1177/1461444810362853>
- Paasonen, S. (2011). *Carnal Resonance: Affect and Online Pornography*. MIT Press.
- Patton, M. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. SAGE Publications.
- Pheterson, G. (1993). The Whore Stigma: Female Dishonor and Male Unworthiness. *Social Text*, 37, 39–64.
- Pitcher, J. (2015). Sex work and modes of self-employment in the informal economy: Diverse business practices and constraints to effective working. *Social Policy and Society*, 14 (1), 113–123. <https://doi.org/10.1017/S1474746414000426>

- Platt, L., Elmes, J., Stevenson, L., Holt, V., Rolles, S., & Stuart, R. (2020). Sex workers must not be forgotten in the COVID-19 response. *The Lancet*, 396, 9–11. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31033-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31033-3)
- Platt, L., Grenfell, P., Meiksin, R., Elmes, J., Sherman, S., Sanders, T., Mwangi, P., & Crago, A. (2018). Associations between sex work laws and sex workers' health: A systematic review and meta-analysis of quantitative and qualitative studies. *PLoS Med*, 15(12), 1–54, <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002680>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Rand, H. (2018). Selling sexual services in the digital age. In Dewey, S., Crowhurst, I., & Izugbara, C. O. (Eds.), *The Routledge International Handbook of Sex Industry Research*. (pp. 529–532). Routledge.
- Ray, A. (2007). Sex on the open market: sex workers harness the power of the Internet. In Jacobs, K., Janssen, M., & Pasquinelli, M. (Eds.), *C'lick Me: a Netporn Studies Reader* (pp. 45–68). Institute of Network Cultures.
- Ryan, P. (2019). *Male Sex Work in the Digital Age: Curated Lives*. Palgrave Macmillan.
- Sacramento, O. (2005). *Os clientes da prostituição abrigada: a procura do sexo comercial na perspetiva da construção da masculinidade* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. Repositório Aberto da Universidade do Minho.
- Sanders, T. (2005). 'It's Just Acting': Sex Workers' Strategies for Capitalizing on Sexuality. *Gender, Work and Organization*, 12(4), 319–342. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2005.00276.x>
- Sanders, T. (2008). Male Sexual Scripts- Intimacy, Sexuality and Pleasure in the Purchase of Commercial Sex. *Sociology*, 42(3), 400–417. <https://doi.org/10.1177/0038038508088833>
- Sanders, T. (2016). The sex industry, regulation and the Internet. In Jewkes, Y., & Yar, M. (Eds.), *Handbook of Internet Crime* (pp. 302–319). Routledge.
- Sanders, T., Connelly, L., & King, L. (2016). On Our Own Terms: The Working Conditions of Internet-Based Sex Workers in the UK. *Sociological Research Online*, 21(4), 133–146. <https://doi.org/10.5153/sro.4152>
- Sanders, T., Scoular, J., Campbell, R., Pitcher, J., & Cunningham, S. (2018). *Internet sex work: Beyond the gaze*. Palgrave Macmillan.

- Shehadi, S., & Partington, M. (2020, abril 7). Coronavirus: Offline sex workers forced to start again online. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news>
- Simpson, B. (2011). What happens online stays online? Virtual punishment in the real world. *Information & Communications Technology Law*, 20(1), 3–17. <https://doi.org/10.1080/13600834.2011.557494>
- Sweet, N., & Tewksbury, R. (2000). ‘What’s a Nice Girl like You Doing in a Place like This?’: Pathways to a Career in Stripping. *Sociological Spectrum*, 20(3), 325–343. <https://doi.org/10.1080/027321700405072>
- Thomas, V., & Vinuales, G. (2017). Understanding the role of social influence in piquing curiosity and influencing attitudes and behaviors in a social network environment. *Psychology & Marketing*, 37, 884–893. <https://doi.org/10.1002/mar.21029>
- Triviños, A. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. Editora Atlas.
- Van Doorn, N., & Velthuis, O. (2018). A good hustle: The moral economy of market competition in adult webcam modeling. *Journal of Cultural History*, 11(3), 177–192. <https://doi.org/10.1080/17530350.2018.1446183>
- Vartabedian, J. (2019). Bodies and desires on the internet: An approach to trans women sex workers’ websites. *Sexualities*, 22(1–2), 224–243. <https://doi.org/10.1177/1363460717713381>
- Veena, N. (2007). Revisiting the Prostitution Debate in the Technology Age: Women Who Use the Internet for Sex Work in Bangkok. *Gender, Technology and Development*, 11(1), 97–107. <https://doi.org/10.1177/097185240601100105>
- Weitzer, R. (2000). Deficiencies in the Sociology of Sex Work. *Sociology of Crime, Law and Deviance*, 2, 259–279. [https://doi.org/10.1108/s1521-6136\(2000\)0000002014](https://doi.org/10.1108/s1521-6136(2000)0000002014)
- Weitzer, R. (2010). The Mythology of Prostitution: Advocacy Research and Public Policy. *Sexuality Research and Social Policy*, 7, 15–29. <https://doi.org/10.1007/s13178-010-0002-5>
- Wong, W., Holroyd, E., & Bingham, A. (2010). Stigma and sex work from the perspective of female sex workers in Hong Kong. *Sociology of Health and Illness*, 33(1), 50–65. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.2010.01276.x>
- Zimmerman, M. A., & Rappaport, J. (1988). Citizen engagement, perceived control and psychological empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 16, 725–750.

## **Anexos**

### **Anexo A. Guião de entrevista semiestruturada**

1. Como descreve/caracteriza o que faz?

#### **Entrada e permanência no TS *online***

2. Quais foram os motivos que levaram a que iniciasse esta atividade?
  - a. Por que razão escolheu o trabalho sexual *online*?
3. Como tomou contacto com esta atividade e como iniciou o trabalho sexual *online*?
4. Por que motivos mantém a realização do trabalho sexual *online*?
5. Já alguma vez interrompeu o trabalho sexual *online* ou pensou em desistir do mesmo? Porquê?

#### **Riscos e benefícios do TS *online***

6. A atividade que realiza tem riscos? Quais são esses riscos?
7. A atividade que realiza tem benefícios? Quais são esses benefícios?

#### **Significados e perceções atribuídos ao TS *online***

8. O que significa para si realizar trabalho sexual *online*? Como se sente ao realizar esta atividade?
9. Qual o impacto do trabalho sexual *online* na sua vida pessoal? (A nível de bem-estar, autoestima, relações com os outros, etc.)
10. Acha importante que exista uma separação entre a sua vida profissional e pessoal?
  - a. Se sim, de que modo consegue gerir essa separação?
11. Sente que há um estigma sobre as pessoas que realizam esta atividade?
  - a. Se sim, como lida com esse estigma?
12. Acha que há consequências para as pessoas que têm esta atividade? (Por exemplo a nível de trabalho, se descobrissem). Quais?
13. As pessoas das suas relações (familiares, amigos, conhecidos) sabem da sua atividade? Porquê?

#### **Perceções face aos clientes e motivações**

14. Quem são (em termos de características) os clientes?

15. Quais considera as principais motivações dos seus clientes? Porque acha que eles procuram os seus serviços?

### **Impacto da COVID-19**

16. Na sua opinião, em geral, qual foi o impacto da pandemia da COVID-19 no trabalho sexual *online*? (Por exemplo, mais pessoas a entrarem, retorno de pessoas que tinham saído, aumento da procura, etc.)
17. E no seu caso, em particular?

### **Caracterização sociodemográfica**

18. Idade
19. Género com que se identifica e sexo atribuído à nascença
20. Orientação sexual
21. Há quanto tempo trabalha na indústria do sexo? E no trabalho sexual *online*?
22. Nacionalidade
23. Grau de escolaridade
24. Estatuto marital/existência de relação amorosa
25. Gostaria de acrescentar algo que ainda não tivemos oportunidade de explorar?

## **Anexo B. Apresentação e consentimento informado verbal**

O meu nome é Bárbara Machado e sou estudante da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. No âmbito da minha dissertação de mestrado, orientada pela Professora Doutora Alexandra Oliveira, estou a realizar uma investigação cujo objetivo passa por descrever, explorar e compreender a utilização de plataformas de distribuição de conteúdo para a realização do trabalho sexual *online*.

A pertinência deste estudo prende-se com a escassez de investigação científica nesta área. Esta é uma lacuna que pretendemos colmatar por considerarmos importante conhecer e dar a conhecer mais sobre esta realidade, ouvindo o que as pessoas envolvidas têm a dizer acerca das suas experiências e motivações.

Neste sentido, gostaria de lhe colocar algumas perguntas relacionadas com a sua atividade, visto que considero o seu contributo essencial para a realização desta investigação. A sua participação é voluntária, pelo que pode optar por não responder a alguma pergunta, podendo, ainda, desistir a qualquer momento, sem qualquer tipo de consequências. Além disso, é importante referir que todas as respostas serão anónimas e que apenas eu e a minha orientadora teremos acesso à sua entrevista. Gostaria, ainda, de perguntar se me permite gravar a entrevista, de modo a facilitar a recolha de informação, sendo que se recusar passarei a tomar notas.

Antes de começar queria só certificar-me de que compreendeu tudo o que foi dito e perguntar se tem alguma dúvida que gostava de ver esclarecida.

Podemos começar?

## Anexo C. Temas em análise

Temas	Subtemas	Sub-subtemas
<b>Caracterização do trabalho sexual <i>online</i></b>	Atividade realizada e serviços oferecidos	
	Recursos para a realização do trabalho sexual <i>online</i>	
	Influência da pandemia	Em geral No seu caso
	Produção de conteúdo	
<b>Trajetórias no trabalho sexual <i>online</i></b>	Motivos de entrada	
	Entrada	Como entrou Ponderação da decisão
	Interrupções e desistências	Interrupção Ponderação de desistir
	Motivos de permanência	
<b>Riscos e benefícios</b>	Riscos	
	Benefícios	
<b>Significados e sentidos atribuídos ao trabalho sexual <i>online</i></b>		
<b>Consequências da realização do trabalho sexual <i>online</i></b>	Nível pessoal	
	Relações interpessoais	
	Emprego e ensino	
	Estigma	Sentimentos face ao estigma Formas de lidar com o estigma
	Gestão emocional	

---

**Cientes**

Características

Motivações

Fetiches

Comportamento

---